

*UM HOMEM CHAMADO LEÃO
E
UM MENINO CHAMADO HOMERO
algumas narrativas e algumas ideias a respeito da
educação onde parece que ela não está*



Carlos Rodrigues Brandão



*Este escrito é um trabalho inédito da série
ESCRITOS DA ROSA DOS VENTOS*

*Sob este formato ele está sendo editado
para acesso, leitura ou outros usos
de forma livre, solidária e gratuita.*

Outros trabalhos meus, entre livros artigos,

Podem ser livremente acessados em

www.apartilhadavida.com.br

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

*Educar não é encher um cérebro
mas acender um fogo.*

William Butler Yeats

*Ensinemos aos outros como se não o
estivéssemos fazendo, apresentando as coisas
não sabidas como apenas esquecidas.*

Alexander Pope

*Não se pode ensinar coisa alguma a uma pessoa.
Apenas se pode ajudá-la e encontrá-la dentro de si
mesma.*

Galileu Galilei

*A bom, eu não te ensinei; mas bem te aprendi a
saber certa a vida.*

João Guimarães Rosa
Grande sertão: veredas

ROTEIRO DO LIVRO

UM LIVRO QUE ESTOU ESCREVENDO ATRAVÉS DE OUTRAS PESSOAS - introdução

A CARTA DE UM VELHO ÍNDIO COM O NOME ESQUECIDO

UMA AULA SOBRE A AULA

UM HOMEM CHAMADO VIGOTSKI EM DOIS INESPERADOS MOMENTOS DE POESIA

DOIS HOMENS DO PASSADO DISCUTEM SOBRE COMO DEVERIA SER A EDUCAÇÃO DE UMA MENINA

UM MENINO CHAMADO HOMERO E A SUA PROFESSORA DE HISTÓRIA ANTIGA

CONFIDÊNCIAS E ESPERANÇAS DE UM PROFESSOR EM UMA “CUÊCA CHILENA”

UMA CARTA DE GRATIDÃO DE UM ESCRITOR AO SEU PRIMEIRO PROFESSOR

UM ESCRITOR RUSSO E TAMBÉM UM EDUCADOR CHAMADO LIEV (LEÃO) TOSLTOI

O QUE ME CONTOU SOBRE A DIFERENÇA ENTRE A EDUCAÇÃO DELE E A MINHA, UM HOMEM LAVRADOR CHAMADO ANTONIO CÍCERO DE SOUZA, UM DIA EM UM POUSO DE FOLIA DE SANTOS REIS NO SUL DE MINAS GERAIS

UM MENINO DE ESCOLA QUE VIROU PROFESSOR E DEPOIS VIROU JAGUNÇO E CHEFE DE JAGUNÇOS, TAL COMO SOBRE ELE ESCREVEU JOÃO GUIMARÃES ROSA NO GRANDE SERTÃO: VEREDAS,

COMO UM ESCRITOR E POETA ESCREVE UMA CRÔNICA PARA LAMENTAR QUE A ESCOLA FAZ AS CRIANÇAS DEIXAREM DE SER POETAS

UM “MESTRE DOS MESTRES” DA FUNÇÃO DE SÃO GONÇADO CONTA COMO APRENDEU E COMO ELE ENSINA OS SEGREDO DO RITUAL

UM LAVRADOR DE GOIÁS E O QUE ELE ESCREVEU SOBRE O SEU PAI E A EDUCAÇÃO, EM UMA POESIA

UM DIÁLOGO SOBRE O APRENDER A LER E ESCREVER EM UM LIVRO CHAMADO “A MÃE”

COMO UM DOS CRIADORES DO “ENSINO CENTRADO NO ALUNO” PENSOU UM DIA COMO DEVERIAM SER “OS CRIADORES DE UM FUTURO HUMANIZADO”

FRAGMENTOS DE UMA CONVERSA PÚBLICA ENTRE DOIS AMIGOS E PROFESSORES EM UMA ESTAÇÃO DE TRÉNS EM CAMPINAS

SOBRE COMO O QUE PENSAMOS QUE É NOSSO APENAS VEM COM O VENTO

LIVROS LIDOS E LEMBRADOS

UM LIVRO EU ESTOU ESCREVENDO ATRAVÉS DE OUTRAS PESSOAS

Em verdade devo considerar – e dizer de público – que este é o meu melhor e mais essencial livro sobre a educação que já escrevi.

E tenho uma boa razão para pensar assim. Este é o livro em que quase todas as linhas, as palavras e as ideias não são minhas. São de outros. São de pessoas que um dia escreveram algo sobre a pessoa, o saber, o conhecimento, a educação e a vida. E é delas praticamente tudo o que está escrito desta pequena introdução em diante.

E tem mais. Entre todas as escolhas, muito poucas são de educadores, de pedagogos; enfim, de pessoas cujas vidas – como a minha própria – foram dedicadas a praticar de algum modo a educação – dentro de uma sala de aulas ou fora dela. E foram também dedicadas a pensar a educação, a dialogar ao redor da educação e, quando não há outro meio, a escrever sobre a educação.

Durante toda a minha vida dedicada ao magistério (mais de cinquenta anos, desde uma manhã de agosto na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília) e de pesquisador (desde outros mais de cinquenta anos, em uma tarde no interior de Pernambuco, quando eu era um jovem estudante e um “estagiário” do Movimento de Educação de Base), sempre gostei de procurar o que devia procurar onde parece que “aquilo” não está. Algo que o “povo da roça” (alguns deles, meus maiores mestres de vida) costuma chamar de “procurar chifre em cabeça de cavalo”. Quando me tornei antropólogo descobri, com grande felicidade, que esta é uma prática comum entre nós.

Assim é que aprendi a ler poetas, contistas e romancistas do “lugar social” onde depois deveria iniciar uma “pesquisa de campo”, antes de ler também os trabalhos científicos a seu respeito. De igual maneira, aprendi a buscar algo da essência das questões, seja por desejos da vida, seja por inquietudes da existência, seja para escrever um artigo, seja para preparar uma aula, não apenas na restrita “bibliografia de referência”, mas também na “lateral”, na “marginal”, na “fora de sentido”.

E a educação?

Bem, de muito tempo para cá sempre que posso quando leio livros de literatura (e leio vários ao mesmo tempo, costume que nem sempre recomendo), presto atenção para ver se nas linhas ou entrelinhas a autora não tem algo a dizer sobre os temas que me tocam. Assim, descobri que Cecília Meireles, poeta, pesquisadora de folclore e professora, entre os seus poemas tem apenas um

chamado “aluna” (que nada tem a ver com a escola). E, até onde pude descobrir, tudo indica que ela possui apenas um poema que descreve algo que tem a ver com a escola. É um dos *“Poemas escritos na Índia”*, e o que ela poetiza é o exato momento em que os portões de uma escola se abrem e os alunos saem aos bandos e às pressas de dentro do colégio.

Mas descobri também que tanto um grande semiólogo, como Roland Barthes, um escritor como Anatole France, outro como William Saroyan, um outro ainda, chamado Liev Tolstoi, e mais um camponês de Goiás que editou dois livros de sua autoria, aqui e ali, às vezes fortuitamente, colocam por escrito algo essencial sobre o saber, o aprendizado e a educação.

São pessoas assim em alguns de seus momentos que eu trago aqui. Nisto que nem chega a ser uma coletânea de artigos, mas um ramalhete de fragmentos, índios, educadores, cientistas, escritores, poetas, camponeses, e outras mais qualidades de pessoas serão chamados a revelar, sejam em uma passagem de um romance, seja em um trecho de um texto científico, algo que de perto ou de longe tem a ver com a educação das pessoas. E, de maneira especial em alguns casos, de crianças e jovens.

Aqui estarão “dando o seu recado” pessoas bem conhecidas de quem educa, como Lev Vigotski, Carl Rogers, Rubem Alves, ao lado de um lavrador de Minas e outro de Goiás. E mais um indígena (ou um coletivo deles) dos Estados Unidos da América do Norte e do século XIX. E mais um semiólogo como Roland Barthes, ao lado de João Guimarães Rosa, de Carlos Drummond de Andrade, de Anatole France e de William Saroyan.

Se que leia terá descoberto como eu o que em um dos seus estudos Roland Barthes chamou de “o arrepio do sentido”, deixo aqui a minha ousada sugestão. Siga em frente. Deixe por um momento os livros “sérios” e diretamente ligados aos seus temas de estudo ou de trabalho, e vá buscar entre Cora Coralina, Adélia Prado (duas poetisas e amigas queridas), João Guimarães Rogers, Chico Buarque de Holanda, Milton Nascimento, Pedro Casaldáliga, Pedro Tierra, Gabriel Garcia Marques¹, e outras tantas pessoas a quem só de longe se aplicaria títulos como pedagogos e professores, algo que algum dia, em um poema ou um samba, eles

¹ Na última vez em que estive na Colômbia, levei a autobiografia de Gabriel Garcia Marques: *Viver para Contar*. Um livro deslumbrante. Em uma palestra para educadores e em um momento junto a estudantes de uma Maestria em Didática, na cidade de Pasto, cheguei a escandalizar quem me ouvia. Pois em alto e bom som proclamei o livro de Garcia Marques como um dos melhores “tratados sobre a educação” que eu jamais lera em toda a minha vida. Isto porque, entre a infância e a juventude, o grande escritor colombiano descreve com detalhes sua vida (não recomendável) de estudante. E sem meias palavras narra suas venturas e desventuras, suas trapaças. E chega a contar como foi com uma de suas amantes, e na cama, que ele recebeu a sua melhor lição sobre “como aprender nas aulas, sem esforço e com proveito. E, mais ainda, como repartiu o seu aprendizado com as escolas e os bares. O quase está de acordo com Milton Nascimento em *Nas Asas da Panair: Nada de novo existe nesse planeta que não se fale aqui na mesa de bar*.

escreveram sobre os incontáveis mistérios da pessoa, da cultura, do saber, do aprendizado e, claro, da educação.

As imagens em preto-e-branco que aparecem neste livro, ao começo ou no final de cada parte, são fotografias de crianças. A primeira é uma menina componente de um terno de moçambique da cidade de Uberlândia. As outras são crianças fotografadas em comunidades barranqueiras ou ilheiras do Rio São Francisco, durante viagem que comparti com meus alunos, descendo de barca o São Francisco, entre a cidade de Pirapora (onde ele começa a ser navegável) e Manga (na quase divisa entre Minas Gerais e Bahia). A viagem foi parte de estudos e pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, onde lecionei por cerca de dez anos. Foi no ano de 2011 e dela participaram estudantes pós-graduadas e professoras/es.

O menino da última foto sou eu. Um menino de três anos em um balanço em Itatiaia, vestido com a bombacha que minha mãe, gaúcha, volta e meia colocava em mim. A foto de um momento nunca esquecido foi tirada por meu pai. Eu tinha os cabelos louros, quase brancos, e passei a infância e a adolescência volta e meia sendo chamado de “russo”, ou de “alemão”. Eu, um carioca nascido em Copacabana.



A CARTA DE UM VELHO ÍNDIO COM O NOME ESQUECIDO

Quando há anos atrás eu escrevi *O que é Educação*, resolvi começar o livro de uma maneira pouco convencional. Ao invés de sair buscando definições sobre “o que é a educação”, juntamente com algumas citações notáveis a seu respeito, eu escolhi começar com um trecho de uma carta. Uma carta do século XIX escrita por índios dos Estados Unidos da América do Norte. E uma carta em que os índios recusam a oferta de uma educação de bancos.

Eis o que escrevi e eis o trecho da carta.

Há muitos anos nos Estados Unidos, os estados de Virgínia e Maryland assinaram um tratado de paz com os Índios das Seis Nações. Ora, como as promessas e os símbolos da educação sempre foram bastante adequados a momentos solenes como aquele, logo depois os seus governantes enviaram cartas aos índios para que escolhessem e mandassem alguns de seus jovens às escolas dos brancos. Os chefes responderam agradecendo e polidamente recusando. A carta acabou conhecida, porque alguns anos mais tarde Benjamin Franklin adotou o costume de divulgá-la aqui e ali. Eis o trecho que nos interessa:

Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração.

Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa.

Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles, voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos enviem alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens².

² Está na página 6 de *O que é Educação*. A primeira edição deste livro é de 1981. Em 2013 o livro estava na 57ª edição, Deve estar agora pela 60ª.

UMA AULA SOBRE A AULA

Roland Barthes foi um dos maiores pensadores de nosso tempo. Ele era um semiólogo e um notável pesquisador das ideias e imagens dos seres humanos expressas através da literatura.

Quando ele foi solenemente empossado como pesquisador e professor do Collège de France (uma rara honraria), ele proferiu uma “aula magna”. Ele estava assumindo a cátedra de Semiologia Literária e resolveu intitular a sua aula de... “aula”.

Ora, desde menino de escola a literatura sempre foi para mim mais do que um deleite. E até hoje ela é um costume de todos os dias, tanto para ler o que leio quanto para escrever o que escrevo (até hoje, chegando nos 78 anos!). Romances, contos, crônicas, narrativas, poesia, tudo isto me acompanhou pela vida afora, desde o começo de minha vida de estudante. Acho que desde antes. E até agora.

Quando me tornei um professor, um pesquisador e um orientador de trabalhos universitários, estendi aos meus estudantes um velho costume meu. Sempre sugeri a elas que quando fossem pesquisar a vida de alguém, ou a vida de uma comunidade (algo muito comum entre antropólogos) que num primeiro momento (e num segundo, às vezes) deixassem de lado os livros de ciências e se dedicasse a “ler a literatura da pessoa ou do lugar”. Assim eu também procedia. Por exemplo, quando escolhi a Cidade de Goiás como lugar de minha pesquisa para a dissertação de mestrado em antropologia, comecei pela leitura de Cora Coralina e de outras mulheres e homens escritores de Goiás. E vivi a ventura de compartilhar com Cora Coralina alguns momentos inesquecíveis, durante e depois de minha pesquisa³.

Assim procedi ao longo dos anos, ao mesmo recomendo a toda a gente que um dia se aventure a sair “em busca do outro” para algum trabalho ou alguma pesquisa de campo, como dizemos entre antropólogas.

Assim foi que quando li a “Aula” de Roland Barthes, fiquei deslumbrado ao encontrar em suas palavras – bem mais sábias e convincentes do que as minhas – algo que sempre pensei. Talvez sem a radicalidade dele.

Eis o que ele disse e escreveu⁴.

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusó há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas

³ A quem interesse, ver o meu livro *Peões, pretos e congos – trabalho e identidade em Goiás*. O livro é antigo e deve estar esgotado. Mas pode, como vários outros, ser encontrado nos sites que indico na introdução a este livro.

⁴ Seu livro, como este nome: *Aula*, foi publicado em Português pela Editora Cultrix, com um belo posfácio de Leila Perrone-Moisés.

disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse lugar indireto é precioso. Por um lado ela permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que provisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir esta distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens⁵.

Não quero me despedir de Rolanda Barthes sem transcrever aqui também uma passagem que é o último parágrafo de seu livro. Rubem Alves a sabia de cor e repetia com frequência, como um ideal também de sua vida. Nesta passagem, sobretudo falando a professoras, creio que encontrei a melhor definição do que seja a “pesquisa”... e também a mais curta. E, depois dela Barthes fala da *sabedoria*, bem diversa do *saber*, e lembra que talvez o que resta em nós, depois de tanto aprender e depois do exercício de uma sábia “pedagogia do esquecer”, seja justamente o que mais merece nos acompanhar de então em diante ao longo do que nos resta de vida.

Há uma idade em que se ensina o que o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe; isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria e um máximo de sabor possível⁶.

⁵ Está nas páginas 18 e 19 de *Aula*, publicado em Português pela Editora Cultrix, de São Paulo. Tenho comigo a edição de 2008. Creio que a primeira edição é de 1978.

⁶ Está no mesmo livro; *Aula*, na página 92.

Sigamos com Roland Barthes.

Há um escrito dele que vale a pena recordar aqui. O título dele é: *uma problemática do sentido*, e ele é de 1970. Barthes trabalha uma de suas ideias queridas e temidas: o sentido; a polissemia do sentido e a ameaça da monossemia. A polissemia acontece quando diante de um cavalo no pasto você pode dizer (ou escrever) “isto é um cavalo; “o cavalo é branco; “o cavalo é um mamífero quadrúpede”. Ou pode ainda escrever um poema, um conto em que um menino e um cavalo são os heróis, uma prece a um deus indiano semelhante a um cavalo, ou um novo código de relações entre humanos e animais, em que cavalos sejam tratados mais como nossos companheiros de vida na Terra do que como nossos serviçais irracionais. A *monossemia* ocorre quando diante do cavalo você apenas sabe dizer (ou enunciar): “vejo um cavalo”, “isto é um cavalo” ou, se for mais ousado e estudioso, dissertar diante do cavalo alguns saberes rigorosamente aprendidos em aulas de biologia, como uma excelente resposta para uma prova do ENEM.

A passagem a baixo é de um momento do debate entre Barthes e algumas professoras (e professores) com quem ele veio dialogar em certa ocasião.

Srta. J. – *O senhor acha, pessoalmente, que existe um ensino possível dessa aptidão para simbolizar, em que limites?*

Roland Barthes – *Não sei muito bem. Acredito que o primeiro ensino é de libertação. A imagem é um terreno maravilhoso para libertar um pouco a simbolização. Então tudo consiste em desfazer as censuras, em desfazer o que canaliza o sentido, o que canaliza a leitura; é deixar que as interpretações proliferem um pouco. Creio que essa é a verdadeira educação; como sempre, ela é apenas de libertação, em certo sentido⁷.*



⁷ Está nas páginas 128 e 129 de *Roland Barthes – Inéditos – vol. 1 – teoria*. É parte de uma pequena série de livros de Roland Barthes publicados em Português pela Editora Martins Fontes. O texto original foi publicado no *Cahiers Media*, do *Centre Regional de Documentación Pedagogique*, *Bordeux*, 1970. Foi o produto de uma exposição seguida de debate com professores do ICAV, da França.

**UM HOMEM CHAMADO VIGOTSKI
EM DOIS INESPERADOS MOMENTOS DE POESIA**

Em nada é estranho que Roland Barthes tenha dito e escrito o que você terá lido nas linhas acima. Mas... e Lev Vygotsky? Entre educadores marxistas neomarxistas e não-marxistas, ele é sempre lembrado como o original e rigoroso pensador da pessoa, da sociedade e da educação, cujos textos com frequência são lembrados, com justos motivos, como fundamentos de “uma outra educação.

No entanto, o que dele eu trago a esta pluri-coletânea de escritos à volta da educação são dois outros momentos. Barthes terá gostado de havê-los lido. Vejam que a primeira é um trecho de sua monografia *Tragédia de Hamlet, de W. Shakespeare, Príncipe da Dinamarca*. E a segunda contém adoráveis palavras sobre como a arte é a alma de educação. Walter Benjamin diria: “a alma não; a aura”.

Existe, no círculo fechado diário do tempo e na infinita corrente das horas claras e escuras, uma hora, a mais nebulosa e indefinida, o limiar inapreensível entre a noite e o dia. Antes do amanhecer, há uma hora em que já é de manhã, mas ainda é noite.

Não há nada mais misterioso e incompreensível, mais enigmático e obscuro do que essa passagem estranha da noite para o dia.

A manhã chegou, mas ainda é noite. A manhã parece estar mergulhada na noite esparramada ao redor. Parece nadar na noite.

Nessa hora que dura, quem sabe? Em apenas uma razão insignificante do segundo, tudo, todos os objetos e rostos, parecem ter duas existências diferentes, ou uma existência dupla, noturna e diária, na manhã e na noite.

Nessa hora, o tempo torna-se instável e parece ser um aguaçal que ameaça desabar. A cobertura precária do tempo parece desfiar entre as linhas. Desfaz-se.

A inexpressividade do mistério aflito e incomum dessa hora assusta Tudo, assim, como a manhã, está imerso na noite que se apresenta e se evidencia por trás da linha da penumbra.

Nessa hora, quando tudo é instável, obscuro e inseguro, não há sombras no sentido comum dessa palavra: reflexos escuros de objetos iluminados lançados ao chão.

Mas tudo se apresenta como sombra, tudo tem o seu lado noturno. Essa é a hora mais aflita e mística. Hora de rasgar sua cobertura precária. A hora do desnudamento do abismo noturno sobre o qual se ergueu o mundo diurno. Hora da noite e do dia⁸.

Vigotski dedicou um livro inteiro a pensar a arte na vida e na escola. Seu nome é *Psicologia da arte*. Talvez seja um dos menos lidos, o que seria uma lástima. Em uma outra ocasião lancei mão desta mesma passagem em um artigo sobre a arte e a educação. E o fiz dialogar não apenas com Roland Barthes, mas com uma notável gravurista, Fayga Ostrower, cujo livro: *Criatividade e processos de criação* eu recomendo com ênfases⁹. Eis o que Vygotsky escreveu.

É provável que futuros estudos mostrem que o ato artístico não é um ato místico celestial de nossa alma, mas um ato tão real quanto todos os outros movimentos de nosso ser, só que, por sua complexidade, superior a todos os demais. Como já dissemos, o nosso estudo descobriu que o ato artístico é um ato criador e não pode ser recriado por meio de operações puramente conscientes; contudo, se o mais importante na arte se reduz ao momento inconsciente e criador, significaria isto que todos os momentos e forças conscientes foram inteiramente suprimidos de seus momentos? Ensinar o ato criador da arte é impossível; entretanto, isto não significa, em absoluto, que o educador não pode contribuir para a sua manifestação e manifestação¹⁰.



⁸ Está no primeiro parágrafo do Capítulo I da Monografia: *Tragédia de Hamlet, de W. Shakespeare, Príncipe da Dinamarca*. Tradução do Russo de Zoia Prestes. Os pequenos arranjos e variantes poéticas são meus.

⁹ Publicado pela Editora Martins Fontes, de São Paulo, em 1998.

¹⁰ Está na página 325, do livro *Psicologia da Arte*, publicado pela Editora Martins Fontes, em 1999.

**DOIS HOMENS DO PASSADO DISCUTEM SOBRE
COMO DEVERIA SER A EDUCAÇÃO DE UMA MENINA**

Anatole France é um dos mais reconhecidos e lidos escritores da França (e da humanidade). E foi em uma inesperada e exemplar passagem de um dos seus romances que eu acabei encontrando um dos mais clarividentes diálogos ao redor da educação.

O que transcrevo aqui é o debate entre o tutor de uma jovem - o lastimável “Senhor Mouche” - e um outro personagem central do romance. Eles discutem sobre como deveria ser a educação da jovem Jeanne Alexandre. Até onde me lembro, bem poucas vezes reencontrei as minhas próprias ideias a respeito da formação de pessoas através da educação escolar, enunciadas com tanta assertividade, como na defesa de uma educação voltada à vida, à beleza, à felicidade, tal como elas foram sendo dita pelo interlocutor que enfrenta o famigerado Senhor. Mouche.

- Infelizmente – grunhiu o Sr. Mouche – é nosso dever preparar Jeanne Alexandre para a vida. Ninguém está na terra para divertir-se e realizar as suas quatrocentas vontades.

Interrompi-o.

- Estamos na terra para procurar na beleza e na bondade o nosso prazer, e para realizar as nossas quatrocentas vontades, desde que sejam nobres, espirituais e solidárias. Uma educação que inibe a vontade é uma educação que deprava a alma. É preciso que o educador ensine a querer.

O Sr. Mouche não pode disfarçar que me julgava um pobre homem. Prosseguiu, calmo e suficiente.

- Não se esqueça, senhor, que a educação dos pobres tem que ser feita com muita circunspeção e em vista do estado de dependência que eles devem ter na sociedade. Talvez não saiba que Noel Alexandre morreu cheio de dívidas e que a filha é educada quase por caridade.

...

- Não se aprende com alegria! (prosseguiu o Sr. Mouche)

- Só se aprende com alegria, Sr. Mouche. A arte de ensinar tem que ser a arte de abrir a curiosidade nas inteligências novas, para as satisfazer em seguida, e unicamente nos espíritos felizes a curiosidade é alta e pura. Os conhecimentos metidos à força nas cabeças acabam fechando-as e abafando-as. Para bem digerir é preciso tê-lo comido com apetite.

Conheço Jeanne. Se essa menina me fosse confiada, eu a tornaria, não uma erudita, porque a estimo, mas uma jovem brilhante de espírito e de vida, na qual as melhores coisas da natureza e da arte se refletiriam numa doce

claridade. Faria com que vivesse em simpatia com as lindas paisagens as cenas ideais da poesia e da história, a música altamente emocionada. Havia de lhe tornar amável tudo o que eu queria que ela amasse.

(...)

*Eis como entendo a educação de uma adolescente*¹¹



11. Esta longa passagem é de um romance de Anatole France, *O crime de Sylvestre Bonnard – membro do instituto*. Ela foi retirada de um dos volumes da *Coleção dos Prêmios Nobel da Literatura* patrocinada pela Academia Sueca e a Fundação Nobel. É um livro da Editora Delta, Rio de Janeiro, 1963, e está entre as páginas 172 a 174. O livro original é do ano de 1881. Na longa biografia no começo do livro, na edição lida por mim, está escrito: “Aluno, a princípio, do Instituto Santa Maria, depois do colégio Stanjislav, mostra-se distraído, negligente, fantasista, indisciplinado, e não é sem trabalho que, já na idade de vinte anos, conquista o diploma de bacharel”.

**UM MENINO CHAMADO HOMERO
E A SUA PROFESSORA DE HISTÓRIA ANTIGA**

William Saroyan foi um escritor norte-americano da Califórnia. Seus pais eram armênios e foram migrantes pobres. William perdeu o seu pai quando tinha dois anos e a mãe quando tinha sete. Junto com outros cinco irmãos foi criado em um orfanato. Alguns de seus livros foram traduzidos em muitas línguas, inclusive o Português. O mais conhecido é *A comédia humana*, de onde trago a passagem abaixo. Palavras vindas de um breve e pungente romance em que, como em outros livros seus, os personagens principais são crianças.

No capítulo XII – *As corridas de barreira baixas de duzentos metros*, há um diálogo entre a professora da “História Antiga” do colégio da pequena cidade de Ítaca, na Califórnia de durante a 2ª Guerra Mundial, e o aluno Homero, que fora punido por ela por causa de uma desavença em sala de aulas, com outro estudante também punido.

Homero, órfão de pai, com um irmão no front de batalhas na Europa (ele irá morrer na guerra) divide-se entre ser um estudante (criativo e algo indisciplinado, como todos os “heróis” de William Saroyan) e o estafeta da pequena agência de correios de telégrafos de Ítaca.

Ao final do capítulo professora e aluno partilham este diálogo.

- Acho que gosto de Hubert – disse Homero – mas o diabo é que ele se julga melhor do que os outros meninos.

- Sim, eu sei, disse a professora de história antiga. – Sei como você se sente, mas qualquer homem do mundo é melhor que algum outro, e não tão bom como outro ainda. Joe Terranova é mais vivo que Hubert, mas Hubert é tão honesto como ele, mas a seu próprio modo. Num estado democrático todo homem é igual a todo homem até que cada um alcance sua capacidade máxima, e depois disso todo homem tem a liberdade de se empenhar em fazer o bem ou não, em crescer nobre ou tolamente, como desejar. Espero ansiosamente que meus meninos e meninas se empenhem em fazer o bem e em crescer nobremente Não me importa o que minhas crianças parecem ser na superfície. Não sou enganada pelas maneiras graciosas ou más. Estou interessada no que verdadeiramente existe debaixo de cada espécie de gênio. Não me importa que uma de minhas crianças seja rica ou pobre, católica, protestante ou judia, branca, preta ou amarela, brilhante ou vagarosa, gênio ou de mentalidade simples, se houver humanidade nela... se ela tiver um coração... se ela amar a verdade e a honra... se ela respeitar seus inferiores e amar seus superiores. Se as crianças de minha classe

forem humanas, não quero que sejam iguais em sua maneira de ser humanas. Se não forem corruptas, não me importa como difiram umas das outras. Quero que cada uma de minhas crianças seja ela própria. Não quero que você, Homero, seja igual a algum outro só para me agradar ou tornar mais fácil o meu trabalho. Eu cedo estaria cansada de uma sala de aula cheia de damas e cavaleiros perfeitos. Quero que minhas crianças sejam pessoas, cada uma separada, cada uma especial, cada uma variação agradável e excitante das outras. Eu gostaria que Hubert estivesse aqui para ouvir isto com você, para compreender com você que, se presentemente você não gosta dele e ele de você, isso é perfeitamente natural. Eu queria que ele soubesse que cada um de vocês começará a ser verdadeiramente humano quando, apesar de sua inimizade natural, vocês se respeitarem mutuamente. É isso que significa ser civilizado. É isso o que aprendemos do estudo da história antiga.

A professora parou por um momento e olhou o menino, que por alguma razão que ele mesmo não podia compreender, estava quase chorando.

- Estou contente por ter falado com você - disse ela- mais do que se tivesse falado a qualquer outra pessoa que conheço. Quando você deixar a escola, muito depois de ter-me esquecido, eu o estarei acompanhando no mundo, e nunca ficarei espantada com as coisas boas que, sei, você fará.

A professora de história antiga tornou a assuar o nariz e a levar o lenço aos olhos ¹².



¹² Além de *A comédia humana*, há pelo menos um outro livro de Willian Saroyan em que o personagem principal é um menino. O pequeno e inesquecível romance tem este nome *Me chamam Aram, e eu o* recomendo com ênfase. Também neste livro o menino não é lá dos mais estudiosos e comportados na escola. Tanto é assim que em uma passagem do romance ele afirma: "quando eu era o décimo-quarto melhor aluno da minha turma de quinze estudantes"... Por falar nisso, por que será que a maior parte dos meninos estudantes que aparecem em contos e romances são "maus alunos?" Será que os "bons" não servem para a literatura? Ou será que é por que boa parte dos grandes escritores foram maus, ou irregulares estudantes?

**CONFIDÊNCIAS E ESPERANÇAS DE UM PROFESSOR DE ESCOLA
VINDAS DE UMA “CUÊCA CHILENA”**

Há uns três anos atrás eu estava em uma escola em Buenos Aires. Era um encontro com professoras e professores de escolas da cidade. Como tínhamos umas três horas de trabalho durante uma noite de outono, comecei propondo aos um trabalho de grupo – um velho e preservado costume. Enquanto uns três pequenos grupos começavam o seu trabalho, eu vi num quadro negro, escrito com diz de duas ou três cores o que me pareceu um pequeno poema. Cheguei perto e li. Era de fato um escrito com a forma de uma poesia. Resolvi copiá-lo, pois ele era um desabafo e um voto de esperança de um anônimo professor.

Terminado o trabalho dos grupos comentei o escrito no quadro. Ele havia por certo sido deixado por alguma professora de uma aula da tarde e ninguém sabia “o que era aquilo”. No entanto, logo uma das professoras sacou da bolsa um desses aparatos eletrônicos que eu nunca tive e nem terei. E depois de escrever apenas a primeira freasse em segundos descobriu que “aquilo” era o estribilho de uma “cueca chilena”. Na mesma noite improvisei uma tradução, e ela ficou assim:

*Brindo, disse um professor
o quadro-negro e o giz.
Brindo o meu salário infeliz
sendo eu um educador.
E os meus momentos de dor
e meus tristonhos apuros
eu os esqueço com os mais puros
sorrisos de uma criança.
Pois eu tenho a confiança
de estar semeando o futuro¹³.*

13. Estribilho de um Cuêca Chilena (não consegui saber o seu nome) criada por Fernando Carrasco e Eduardo Carrasco. Coloquei um indevido acento circunflexo (que não existe em Espanhol) para lembrar que deve-se pronunciar “cuêca”, a forma musical mais típica do Chile, e não com o “e” aberto, o que pelo menos em Português nada tem a ver com música.

**UMA CARTA DE GRATIDÃO DE UM ESCRITOR
AO SEU PRIMEIRO PROFESSOR**

Em 1957 Albert Camus recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Poucos anos depois, no dia 4 de Janeiro de 1960, ele faleceu em um acidente de estrada.

Entre os objetos que Camus levava na viagem havia um manuscrito inacabado. Eram 144 páginas com este título: *O Primeiro Homem*. Há suspeitas de que *O Primeiro Homem* seria o volume inicial de uma trilogia de memórias. Embora o personagem central – e também o narrador do escrito – seja nomeado como Jacques Cormery, é evidente que o manuscrito era de uma autobiografia. Uma vida passada quase toda na Argélia dos anos iniciais do século XX, quando ela era ainda colônia da França. Na parte final do escrito Jacques Cormery retorna da França à Argélia de sua infância e juventude.

. Publicado em Português pela Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro, em 2005, o que pouca gente lembra é que uma vez terminado o longo relato autobiográfico de *O primeiro homem*, a partir da página 243 há uma série de anexos. Um deles tem este nome: *Dois cartas*. Uma delas e um trecho da outra são transcritos aqui. A carta que Albert Camus escreveu a seu professor de escola, na Argélia, e fragmentos da longa resposta do professor Germain Louis.

De Camus para o Professor Germain

19 de novembro, 1957

Caro Monsieur Germain,

Deixei que passasse um pouco o movimento que me envolveu todos esses dias antes de vir falar-lhe de coração aberto. Acaba de me ser feita uma grande honra que não busquei, nem solicitei. Mas quando eu soube da novidade, meu primeiro pensamento, depois de minha mãe, foi para você. Sem você, sem essa mão afetuosa que você estendeu ao menino pobre que eu era. Sem seu ensino, sem seu exemplo, nada disso teria acontecido. Eu não faço questão dessa espécie de honra. Mas essa é ao menos uma ocasião para dizer-lhe o que você foi e é sempre para mim, e para assegurar-lhe que os seus esforços, o seu trabalho e o coração generoso que você coloca em tudo o que faz, sempre de maneira viva com relação a um de seus pequenos discípulos que,

não obstante a idade, não cessou jamais de ser seu aluno reconhecido. Eu o abraço com todas as minhas forças¹⁴

Albert Camus

Do professor Germain para Camus

Argel, 30 de abril, 1959

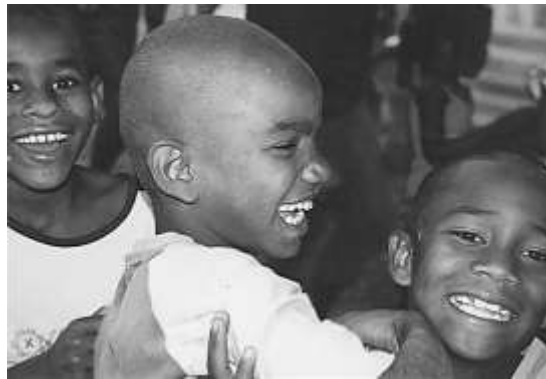
Meu querido menino,

(...)

O pedagogo que quer fazer, conscientemente, a sua tarefa, não despreza nenhuma ocasião de conhecer seus alunos, seus filhos, o que acontece com frequência. Uma resposta, um gesto, uma atitude, são largamente reveladoras. Creio, assim, conhecer bem o gentil jovem que você era; e o menino frequentemente contem em germe o homem que ele será. E o seu prazer de estar na escola explodia por todos os lados. O seu rosto traduzia otimismo.

(...)

Antes de terminar, quero falar do pesar que experimento como educador leigo, diante dos projetos que ameaçam nossa escola. Creio, durante toda a minha carreira, ter respeitado aquilo que é mais sagrado em uma criança: o direito de procurar a sua verdade. Amei vocês todos e creio ter feito todo o possível para não manifestar minhas ideias e influenciar assim sua jovem inteligência¹⁵.



¹⁴ Na página 293 de *O primeiro homem*.

¹⁵ Nas páginas 295 e 297 de *O primeiro homem*.

**UM ESCRITOR RUSSO E TAMBÉM UM EDUCADOR
CHAMADO LIEV (LEÃO) TOSLTOI**

Liev (Leão) Tolstoi foi um conde na Rússia. Mas a seu tempo havia príncipes e condes demais na Rússia e isso não era lá algo notável. Viveu quase a via inteira em sua propriedade rural com este nome: Iásnaia Poliana. Casou-se jovem e teve com sua esposa, Sofia, treze filhos. Cinco delas faleceram ainda crianças.

Tolstoi foi a seu tempo e segue sendo considerado como um dos maiores escritores russos. Na verdade, um dos mais essenciais escritores de toda a história. Cedo e no auge da glória como escritor de contos e de romances (*Guerra e Paz* e *Anna Karenina*) ela abandona praticamente a literatura e se dedica a colocar por escrito o modo de vida que pessoalmente assume até o fim de sua vida.

Ele se volta contra todas as formas de violência, logo, contra o poder do Estado e o da Igreja. No seu caso a Igreja Ortodoxa Russa. Assume um cristianismo radical. Volta-se contra a servidão dos “mujiques” (camponeses servos na Rússia), contra o luxo e a riqueza, contra a desigualdade social e contra a falta de oportunidade de estudo dos mais pobres. Chega a abrir uma escola para os filhos dos mujiques de sua propriedade e dá algumas aulas e até elabora uma cartilha.

Fora os seus romances e seus muitos contos (inclusive para crianças e jovens) há um livro que reúne os seus escritos “militantes”. Ele se chama *Liev Tolstoi – os últimos dias*. Foi publicado pela Penguin + Companhia das Letras, de São Paulo, em 2011.

É deste livro essencial (e radical) que estou trazendo para estas páginas a sua *Carta sobre a educação*. Ele a escreve para Sofia Tolstaia, sua nora. Vejam que a carta é de 1902. E observem quantas ideias defendidas por Liev Tolstoi no comecinho do século XX às vezes reaparecem como uma novidade no começo do século XXI.

*Querida Sonia*¹⁶

Fiquei muito feliz com a conversa que tive com Iliucha¹⁷ sobre a educação das crianças. Embora se trate de um enfoque negativo, tanto ele como eu concordamos que as crianças devem estudar o menos possível (o grifo é de Tolstoi). Efetivamente, não é um fato tão grave que as crianças cresçam sem conhecer uma coisa ou outra; mais grave é o que ocorre com a maior parte das crianças, em especial quando, desconhecendo as matérias que os filhos estudam, as mães orientam sua educação. Com isso quero dizer que as

¹⁶ Na Rússia Sônia é o diminutivo familiar de Sofia.

¹⁷ Diminutivo russo de Iliá.

crianças ficam com indigestion (idem) de estudo e é por isso que se voltam contra ele. Uma criança ou um adulto, só aprende quando sente gosto pelo objeto de estudo. Sem isso ocorre um dano, um terrível dano intelectual, que transforma as pessoas em deficientes mentais.

Pelo amor de Deus, querida Sônia, se você não concordar totalmente comigo, acredite em mim e acredite que se esta questão não fosse da mais alta importância eu não lhe escreveria sobre ela. Acredite sobretudo em seu marido que enxerga as coisas de maneira sensata.

O argumento contrário, no entanto, com frequência é: se as crianças não estudarem, de que se ocuparão? De todos os tipos de tolices e patifarias com as crianças camponesas? Levando-se em conta nossos hábitos grã-finos de vida, tal objeção provém de um raciocínio lógico. Mas será necessário habituar as crianças a uma vida grã-fina, ou seja, de modo que elas saibam que todas as suas necessidades, sejam quais forem, serão satisfeitas sem nenhum esforço da parte delas?

Por isso, a primeira condição para uma boa educação é que a criança saiba que tudo aquilo que ela precisa não cai pronto do céu, mas é resultado do trabalho de outras pessoas.

Compreender que tudo que a circunda resulta do trabalho alheio, do trabalho de gente desconhecida e que não necessariamente a ama está bem acima da compreensão da criança (Deus queira que ela entenda isso quando se tornar adulta), mas ela deve entender que o penico em que urina é esvaziado e lavado sem nenhum prazer por sua babá, ou pela criada, e que os mesmo ocorre com suas botinas e galochas, que ela encontra sempre lavadas e limpas, e que tudo isso não é feito por magia nem por amor a ela, mas por razões que ela ignora, que ela pode e deve entender, e das quais deve se envergonhar.

Se ela não sentir vergonha, e se continuar a se aproveitar disso, isso é indício da pior educação, que a marcará profundamente por toda a vida. Evitar isso é, no entanto, muito fácil, e por essa razão eu lhe suplico (para empregar um estilo mais poético) do meu leito de morte, que pratique isso com seus filhos¹⁸. Deixe-os fazer, com empenho, tudo o que precisarem fazer para si próprios: descartar as próprias fezes, pegar água no poço, lavar a louça, arrumar o quarto, limpar os sapatos e as roupas, arrumar a mesa e assim por diante; deixe-os fazer sozinhos. Acredite em mim, por mais insignificantes que tais tarefas possam parecer, elas são muito mais importantes para a felicidade de seus filhos do que o conhecimento da língua francesa, da história e assim por diante.

É verdade que então surge a principal dificuldade: as crianças fazem com prazer apenas aquilo que seus pais fazem, e é por isso que lhe faço essa súplica (a você que é tão corajosa, e tenho certeza, capaz). Se Illiá não proceder dessa forma (esperemos que isso não aconteça) não será nenhum problema.

¹⁸ Liev Tolstói ainda viveria alguns anos. A carta é de 1902 e ele morre em 1910.

Queira Deus, para o bem dessas crianças, que você pondere o que eu disse. Com isso eliminamos duas questões de uma só vez: ele permite que se estude menos, utilizando o tempo da maneira mais proveitosa e natural, e acostuma as crianças à simplicidade, ao trabalho e à autonomia.

Por favor, por favor, eu lhe peço, faça isso. Você ficará satisfeita desse o primeiro mês, e as crianças ficarão ainda mais. Seria muito bom se pudéssemos acrescentar o trabalho na terra – como uma horta, por exemplo -, ainda que essa atividade seja uma brincadeira na maior parte do tempo. A necessidade de que cada um cuide de si mesmo, e de que limpe o que suja é reconhecida em todas as melhores escolas, com a de Bedales, onde o próprio diretor aderiu a esse exemplo¹⁹.

Acredite em mim, Sônia, sem essa condição não há educação moral, nem cristã, nem a consciência de que todos os homens são irmãos e iguais entre si. Uma criança é capaz de entender que um adulto, que seu pai – seja ele banqueiro, torneiro, artista ou feitor -, cujo trabalho alimenta a família, pode ser dispensado dessas tarefas caso estas o impeçam de dedicar todo o seu tempo à realização de seu trabalho. Mas como toda criança pequena, que ainda não tem habilidade para fazer nada, pode ser capaz de entender que outros façam para ela aquilo que lhe é natural fazer sozinha?

A única explicação para essa questão é que as pessoas se dividem em duas classes – senhores e escravos; por mais que expliquemos à criança as palavras “liberdade”, e “fraternidade”, as pessoas e a maneira como elas vivem, desde que se levantam até a hora do jantar, lhe provarão o contrário.

Além disso, nos ensinamentos dos mais velhos sobre oral, a criança perceberá, no fundo de sua alma, que todos os sermões são enganosos, e ela deixará de acreditar em seus próprios pais e em seus mestres, e até mesmo na necessidade de qualquer ora, seja qual for.

Mas uma consideração: caso seja impossível fazer tudo o que mencionei, determinadas situações farão com que as crianças percebam imediatamente as desvantagens decorrentes de não cumprir certas tarefas – por exemplo, se as roupas e os sapatos de passeio não estiverem limpos nem secos, será impossível sair; se a água não for retirada do poço, ou se a louça não for lavada, será impossível beber. Acima de tudo, não tema o ridículo (grifo do autor). Em noventa por cento dos casos, as más ações são cometidas no mundo porque não as cometer seria ridículo.

Seu pai e amigo,

Liev Tolstoi

¹⁹ Bedales era uma escola pública da Inglaterra. Foi fundada por John Badley, Foi a primeira escola mista da Inglaterra e ficou conhecida pelo seu ambiente fortemente aberto e democrático.

Quero trazer aqui um depoimento meu, a respeito dessa estranha carta de Liev Tolstoi à sua Nora, Sônia.

Muitos anos antes de havê-la lido pela primeira vez, eu fui levado por meu pai, Joaquim, a pensar e agir dessa exata maneira. Meu pai não era conde, e nós éramos uma típica “família de pequena classe média do Rio de Janeiro nos anos quarenta”. Desde muito cedo meu pai me ensinou a repartir todos os encargos de nossa casa com outras pessoas da família, e com as pessoas que iam de uma empregada doméstica (naquele tempo todo mundo tinha pelo menos uma, e nas famílias “mais abastadas” elas podiam ir de duas a quatro) a um jardineiro.

Menino pequeno “endiabrado” (palavra comum na época, e que bem se aplicava a mim) e “mau aluno” (idem), eu não podia sair a brincar com os “amigos da turma” sem antes deixar o meu quarto “impecável”. E parte dos trabalhos da casa cabiam a mim, todos os dias. Um refrão que meu pai repetiu anos a fora era: “o maior empregado do Carlos Brandão é o Carlos Brandão”.

E, de igual maneira, sem empregar as palavras candentes do Conde Tolstoi, ele sempre me disse que a única diferença entre um engenheiro (como o pai dele) e um jardineiro, é que um semeia plantas e o outro planeja edifícios. E eu sempre vi tratar com as mesmas palavras e gestos um chefe do lugar onde ele trabalhava e o ascensorista do prédio. Ele ingressou em uma companhia de seguros de vida (a maior da época, no Brasil), como “office boy”, e se aposentou como “chefe geral”. Creio que foi assim que ele aprendeu a tratar os “office boys” como chefes, e os chefes como “office boys”.

Aprendi esta feliz lição também entre os escoteiros. Ingressei em uma “tropa de escoteiros” aos onze anos de idade. A diretora de meu colégio recomendou esta feliz iniciativa a minha mãe, para ver se “alguém dá um jeito no Carlos”. Não deram, mas aprendi muito. Aprendi, entre meu pai e meus “chefes escoteiros” a “me virar por mim mesmo”. Eles foram os meus segundos ambientalistas (o primeiro foi meu pai em um tempo em que ninguém falava nisso). Aprendi com eles a me orientar pelas estrelas, a não temer a floresta, a sobreviver (precariamente nela), a armar uma barraca, a me orientar em uma trilha. Enfim, a conviver com a natureza e a “me virar por mim mesmo”.

**O QUE ME CONTOU SOBRE A DIFERENÇA ENTRE A EDUCAÇÃO DELE E A MINHA, UM
HOMEM LAVRADOR CHAMADO ANTONIO CÍCERO DE SOUZA UM DIA
EM UM POUSO DE FOLIA DE SANTOS REIS NO SUL DE MINAS GERAIS²⁰**

...Agora, o senhor chega e pergunta: “Ciço, o que é educação?” Tá certo. Tá bom. O que que eu penso, eu digo. Então veja, o senhor fala: “Educação”; daí eu falo: “educação”. A palavra é a mesma, não é? A pronúncia, eu quero dizer. É uma só: “Educação”. Mas então eu pergunto pro senhor: “E a mesma coisa? É do mesmo que a gente fala quando diz essa palavra?” Aí eu digo: “Não”. Eu digo pro senhor desse jeito: “Não, não é”. Eu penso que não. Educação... quando o senhor chega e diz “educação”, vem do seu mundo, o mesmo, um outro. Quando eu sou quem fala vem dum outro lugar, de um outro mundo. Vem dum fundo de oco que é o lugar da vida dum pobre, como tem gente que diz. Comparação, no seu essa palavra vem junto com quê? Com escola, não vem? Com aquele professor fino, de roupa boa, estudado; livro novo, bom, caderno, caneta, tudo muito separado, cada coisa do seu jeito, como deve ser. Um estudo que cresce e que vai muito longe de um saberzinho só de alfabeto, uma conta aqui e outra ali. Do seu mundo vem um estudo de escola que muda gente em doutor. É fato? Penso que é, mas eu penso de longe, porque eu nunca vi isso por aqui.

Então quando o senhor vem e fala a pronúncia “educação”, na sua educação tem disso. Quando o senhor fala a palavra conforme eu sei pronunciar também, ela vem misturada no pensamento com isso tudo; recursos que no seu mundo tem. Uma coisa assim como aquilo que a gente conversava outro dia, lembra? Dos evangelhos: “Semente que caiu na terra boa e deu fruto bom”. (...)

Quando eu falo o pensamento vem dum outro mundo. Um que pode até ser vizinho do seu, vizinho assim, de confrontante, mas não é o mesmo. A escolinha cai-não-cai ali num canto da roça, a professorinha dali mesmo, os recursos tudo como é o resto da regra de pobre. Estudo? Um ano, dois, nem três. Comigo não foi nem três. Então eu digo “educação” e penso “enxada”, o que foi pra mim.

20. O original desta inesperada e inesquecível conversa está no prefácio e no posfácio de um livro que eu coordenei. Ele se chama *A questão política da educação popular*, e foi publicado pela Editora Brasiliense, de São Paulo. Seu lançamento, ainda em “tempos da ditadura” foi realizado durante uma Reunião Anual da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Paulo Freire, um dos autores de capítulos do livro esteve presente. O livro teve várias edições. Mais de uma vez lembro-me de Paulo Freire afirmando que reconhecia em “Ciço” um dos mais lúcidos pensadores da educação no Brasil.

Porque é assim desse jeito que eu queria explicar pro senhor. Tem uma educação que vira o destino do homem, não vira? Ele entra ali com um destino e sai com outro. Quem fez? Estudo, foi estudo regular: um saber completo. Ele entra dum tamanho e sai do outro. Parece que essa educação que foi a sua tem uma força que tá nela e não tá. Como é que um menino como eu fui mudar num doutor, num professor, num sujeito de muita valia?

Agora, se eu quero lembrar da minha: “enxada”. Se eu quero lembrar: “trabalho”. E eu hoje só dou conta de um lembrzinho: a escolinha, um ano, dois, um caderninho, um livro, cartilha? Eu nem sei, eu não lembro. Aquilo de um bê-á-bá, de um alfabetozinho. Deu pra aprender? Não deu. Deu pra saber escrever um nome, pra ler uma letrinha, outra. Foi só. O senhor sabe? Muito companheiro meu na roça, na cidade mesmo, não teve nem isso. A gente vê velho ai pra esses fundos que não sabe separar um A dum B. Gente que pega dum lápis e desenha o nome dele lá naquela dificuldade, naquele sofrimento. Mão que foi feita pro cabo da enxada acha a caneta muito pesada e que não teve prazo dum estudozinho regular quando era menino, de velho é que não aprende mais, aprende? Pra quê? Porque eu vou dizer uma coisa pro senhor: pra quem é como esse povo de roça o estudo de escola é de pouca valia, porque o estudo é pouco e não serve pra fazer da gente um melhor. Serve só pra gente seguir sendo como era, com um pouquinho de leitura. (...)

O senhor faz pergunta com um jeito de quem sabe já a resposta. Mas eu explico assim. A educação que chega pro senhor é a sua, da sua gente, é pros usos do seu mundo. Agora, a minha educação é a sua. Ela tem o saber da sua gente e ela serve e ela serve pra que mundo? Não é assim mesmo? A professora da escola dos seus meninos pode até ser uma vizinha sua, uma parente, até uma irmã, não pode? Agora, e a dos meus meninos? Porque mesmo essa escolinha da roça, de beira de caminho, conforme é a deles, mesmo quando a professorinha é uma gente daqui, o saber dela, o saberzinho dos meninos não é. Os livros, eu digo, as ideias que tem ali. Menino aqui aprende na ilusão dos pais; aquela ilusão de mudar com estudo, um dia. Mas acaba saindo como eu, como tantos, com umas continhas, uma leitura. Isso ninguém vai dizer que não é bom, vai? Mas pra nós é uma coisa que ajuda e não desenvolve.

Então, “educação”. É por isso que eu lhe digo que a sua é a sua e a minha é a sua. Só que a sua lhe fez. E a minha? Que a gente aprende mesmo, pros usos da roça, é na roça. É ali mesmo: um filho com o pai, uma filha com a mãe, com uma avó. Os meninos vendo os mais velhos trabalhando.

Inda ontem o senhor me perguntava da Folia de Santos Reis que a gente vimos em Caldas: “Ciço, como é que um menino aprende o cantorio? As respostas?” Pois o senhor mesmo viu o costume. Eu precisei lhe ensinar? Menino tão ali, vai vendo um, outro, acompanha o pai, um tio. Olha, aprende. Tem inclinação prum cantorio? Prum instrumento? Canta, tá aprendendo; pega, toca, tá aprendendo. Toca um caixa (tambor da Folia de Reis), tá aprendendo a caixa; faz um “tipe” (tipo de voz do cantorio), tá aprendendo cantar. Vai assim, no ato, no seguir do acontecido.

Agora, nisso tudo tem uma educação dentro, não tem? Pode não Ter um estudo. Um tipo de estudo pode ser que não tenha. Mas se ele não sabia e ficou sabendo é porque no acontecido tinha uma lição escondida. Não é uma escola; não tem um professor assim na frente, com o nome “professor”. Não tem... Você vai juntando, vai juntando e no fim dá o saber do roceiro, que é um tudo que a gente precisa pra viver a vida conforme Deus é servido.

Quem que vai chamar isso ai de uma educação? Um tipo dum ensino esparramado, coisa de sertão. Mas tem. Não tem? Não sei. Podia ser que tivesse mais, por exemplo, na hora que um mais velho chama um menino, um filho. Chama num canto, fala, dá um conselho, fala sério um assunto: assim, assim. Ai pode. Ele é um pai, um padrinho, um mais velho. Na hora ele representa como de um professor, até mesmo como um padre. Tem um saber que é falado ali naquela hora. Não tem um estudo, mas tem um saber. O menino baixa a cabeça, daí ele escuta; aprendeu, às vezes não esquece mais nunca.

Então vem um e pergunta assim: “Ô Ciço, ô Antônio Ciço, seus meninos tão recebendo educação?” Que seja um padre, que seja o senhor. Eu respondo: “Homem, uma eles tão. Em casa eles tão, que a gente nunca deixa de educar um filho conforme os costumes. Mas educação de estudo, fora os dois menorzinhos, eles tão também, que eles tão na escola”. Então quer dizer que é assim: tem uma educação – que eu nem sei como é o nome que ela tem – que existe dentro do mundo da roça, entre nós. Agora, tem uma – essa é que se chama mesmo “educação” – que tem na escola. Essa que eu digo que é sua. É a educação que eu digo: “de estudo”, de escola; professora, professorinha, coisa e tal. Daqui, mas de lá.

A gente manda os meninos pra escola. Quem é que não manda? Só mesmo um sujeito muito atrasado. Um que muda daqui pra lá a toda hora. Um outro que mora ai, pros fundos de um sertão, longe de tudo. A gente manda, todo mundo por aqui manda menino pro estudo. É longe, o senhor viu, mas manda. Podiam tá na roça com o pai, mas tão na escola. Mas quem é pobre

e vive nessa descrença de trabalhar dum tanto, a gente crê e descrê. Menino desses pode crescer ai sem um estudozinho que seja, da escola? Não pode. Eu digo pro senhor, não pode. O meu saberzinho que já é muito pouco, veio de aprender com os antigos, mais que da escola; veio a poder de assunto, mais do que de estudo regular. Finado meu pai já dizia assim. Mas pra esses meninos, quem sabe o que espera? Vai Ter vida na roça pra eles todo o tempo? Tá parecendo que não. E, me diga, quem é quem na cidade sem um saberzinho de estudo? Se bem que a gente fica pensando: “O que é que a escola ensina, meu Deus?”. Sabe? Tem vez que eu penso que pros pobres a escola ensina o mundo como ele não é. (...)

Agora, o senhor chega e diz: “Ciço, é uma educação dum outro jeito? Um saber pro povo do mundo como ele é?” Esse eu queria ver explicado. O senhor lá: “Eu tô falando dum educação pro povo mesmo, um tipo dum educação dele, assim, assim”. Essa eu queria saber como é. Tem? Ai o senhor diz que isso bem podia ser feito: tudo junto: gente daqui, de lá, professor, peão, tudo. Daí, eu pergunto: “Pode? Pode ser dum jeito assim? Pra quê? Pra quem?”

...

Se um tipo desse dum educação assim pudesse ter aqui, como a gente estamos conversando, com adultos, os velhos, até as mulheres conforme foi dito, assim num acordo, num outro tipo de união com o povo todo daí desses cantos sentindo deles, coisa de como uma coisa que é nossa também, que então juntasse ideias de todos, professor, nós num assunto assim, assim, então o senhor havia de ver que o povo daqui tem mais de muita coisa do que a gente pensa.

Mas é que dessa maneira que o senhor fala é difícil de compreender. Não que é difícil, veja, a gente até imagina. Se eu conto prum compadre meu: “olha, podia ser assim, podia ser de um jeito assim”, ele imaginava. Um outro, um vizinho, um companheiro, sabe como é? Porque lá na cidade gente dá conta de uns estudos assim, de alfabeto pra gente graúda, pra velho até. Se conta, parece que não funcionou não.

Agora, o senhor chega e diz que até podia ser diferente, num jeito assim? Que não é só pra ensinar aquele ensininho apressado, pra ver se velho aprende o que menino não aprendeu. Então que podia ser um tipo dum educação até fora da escola, sala. Que faz assim dum jeito misturado com o-de-todo-dia da vida da gente daqui. Que podia ser um modo desses de juntar

saber com saber, clarear os assuntos que a gente sente, mas não sabe. Isso? (...)

Quer dizer, eu entendo assim: fazer dum jeito que ajuda o peão pensar como anda a vida por aqui, porque que é assim, assim. Dum jeito que o povo se une numa espécie de mutirão – o senhor sabe como é? – pra um outro uso. Pra lutar pelo direito deles – trabalhador. Digo, de um tipo de reunir, pensar juntos, defender o que é seu, pelo que devia ser, Exemplo assim, como a gente falava, de começar pelas coisas que o povo já sabe, já faz de seu: as ideias, os assuntos.

Eu entendo pouco de tudo isso, não aprendi, mas ponho fé e vou lhe dizer mais, professor – como é que eu devo chamar o senhor? – eu penso que muita gente vinha ajudar, desde que a gente tivesse como acreditar que era uma coisa que tivesse valia mesmo. Uma que a gente junto pudesse fazer e tirar todo o proveito. Pra toda gente saber de novo o que já sabe, mas pensa que não. Parece que nisso tem segredo que a escola não conhece.

Como o senhor mesmo disse o nome: “educação popular”, quer dizer, dum jeito que pudesse juntar o saberzinho da gente, que é pouco, mas não é, eu lhe garanto, e ensinar o nome das coisas que é preciso pronunciar pra mudar os poderes. Então era bom. Então era. O povo vinha. Vinha mesmo e havia de aprender. E esse, quem sabe? É o saber que tá faltando pro povo saber?



**UM LAVRADOR DE GOIÁS E O QUE ELE ESCREVEU
SOBRE O PAI E A EDUCAÇÃO**

Oscavú José Coelho foi um dos três irmãos camponeses goianos que publicaram livros escritos inteiramente por eles. Eis o que deles escrevi como prefácio do livro de seu irmão mais velho José Moreira Coelho.

Três irmãos de origem camponesa, nascidos em Taquaral, em Goiás, escreveram livros. Foram, como tantos e tantos, alfabetizados tardios e precários. Sentaram em carteiras de escolinhas rurais por pouco tempo. São, como tantas pessoas vindas dos sítios e fazendas (ao tempo dos “moradores” de terras de fazendeiros), de cerrados e sertões, em uma metade o que aprenderam em poucos anos de ensino escolar. Em uma outra metade, o que, como eles costumam dizer “aprenderam com a vida” e, mais ainda, entre diálogos uns com os outros.

Desde “moços”, sobretudo Parcival e José Moreira tornaram-se compositores de letras e músicas que começam com dolentes modas de viola, e que com o passar do tempo tornam-se também as músicas cujas letras denunciam as vidas que eles, seus familiares, amigos e companheiros de lutas e destinos viveram e vivem ainda.

Talvez este seja um caso único no Brasil. Possivelmente até mesmo na América Latina ou mesmo no Mundo inteiro. Três irmãos que entre a enxada, o violão e a caneta, escrevem livros.

Dois eles já publicaram os seus. Parcival Moreira (que em seu livro assim também: “o poeta filho da terra”, publicou em 2001 o seu livro Grito sem Eco. Um verdadeiro pequeno tratado camponês, todo ele entre poemas, alguns deles musicados pelo próprio Parcival, sobre o que os homens do passado e de agora realizam entre eles, e também sobre a natureza. Denúncias tornadas poesia sobre uma opressão que, de modo diferente dos que (como eu mesmo) escrevem “sobre eles, os do povo”, viveu em sua vida o que depõem em seus escritos. O seu livro é uma “edição do autor” e foi publicado em Inhumas.

Oscavú José Coelho, dos três irmãos lavradores-e-escritores, o que já nos deixou, publicou em vida: Recordar é bom, mas dói. Diferente do irmão Parcival, Oscavú escreve poemas e também textos em prosa. E alguns deles são a memória de tempos já passados há muitos anos. Outros são verdadeiras pequenas etnografias da rústica vida camponesa do passado e

do presente. Como quando com uma refinada sabedoria Oscavú descreve passo a passo o que compõe e como se constrói um “carro de bois”. E, então, o que nós, folcloristas, antropólogas e outros cientistas da sociedade e da cultura escrevemos “de fora para dentro” eis que um “homem do campo” escreve “de dentro para fora”.

Oscavú não viveu para ver o seu segundo livro editado. Nós nos reunimos, um grupo de leitores e amigos dele, e editamos *Histórias que a história não conta*. Como o anterior, seu novo livro entremeia poemas e artigos em prosa. Mais do que no livro anterior, Oscavú nos deixa em seu livro póstumo a memória não tanto da vida camponesa do passado, mas a atualidade da condição camponesa e das lutas do povo, de ele próprio foi um ativo militante, desde os tempos de seu envolvimento, junto com os seus irmãos escritores, no Movimento de Educação de Base, de Goiás²¹.

Quero transcrever aqui a íntegra de um dos poemas de *Recordar é bom*, mas dói, o outro livro de Oscavú José Coelho²².

PASSADO INFELIZ?

*Um dia me perguntou
A diretora lá da escola
Eu nunca vi o seu pai
Aonde é que ele mora
Eu tenho muito prazer
Em responder à senhora
Ele não mora conosco
É porque trabalha fora.*

*O meu pai já está velho
Seus cabelos já pintados
O seu corpo está desfeito
E o seu rosto enrugado
Mesmo assim ainda vive
Lá no norte do estado*

²¹ Há uma querida passagem do capítulo MEB – Goiás, do livro *As histórias que a história não conta*, em que Oscavú relembra o quando Maria Alice, então coordenadora do MEB – Goiás e eu nos enamoramos, o que acabou levando-a embora do MEB e de Goiás. Para onde retornamos, no entanto, para viver em Goiânia quase nove anos. Escreve ele: *Sempre contamos com a colaboração do MEB Nacional, através do Carlos Brandão, que acabou roubando a nossa querida Maria Alice, mas o que fazer? (Motivo: cosia do coração)*. Está na página 29 do livro.

O prefácio foi escrito para o livro *Sonhos de Poeta*, de José Moreira Coelho. O livro foi publicado em Goiânia pela Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Em Goiânia e em 2017.

²² Está nas páginas 58e 59 de *Recordar é bom mas dói*.

*Pois o nosso ganha-pão
Em sua lida de gado.*

*Ele esmo não estudou
Mas quer ver os filhos estudados
Por isso vive distante
Nos serviços mais pesados
Trabalhando até doente
Pra dar conta do recado
Para pagar nossos estudos
Ele vive assim jogado
Lá em casa todos sentem
A falta de seus carinhos
Pois mamãe trabalha e estudo
E nós ficamos sozinhos.*

*Nossa casa inacabada
Mas é feita com carinho
Cada vez que vem em casa
Ela constrói um pouquinho*

*Vai lá em casa minha amiga
Ver de perto o seu passado
Um carro de boi sobre a mesa
E um laço pendurado
Uma vara de ferrão
Um par de chifre argolado
Uma cama de casal
Com um travesseiro guardado*

Ituaçu, junho de 1960²³



²³ Por sua militância política e insurgente, durante a ditadura militar Oscavú foi preso, maltratado na cadeia e indiciado.

**UM MENINO DE ESCOLA QUE VIROU PROFESSOR E DEPOIS VIROU JAGUNÇO E CHEFE
DE JAGUNÇOS TAL COMO SOBRE ELE ESCREVEU JOÃO GUIMARÃES ROSA
NO GRANDE SERTÃO: VEREDAS,**

O personagem central do grande romance de João Guimarães Rosa, o *Grande Sertão: Veredas* é, como sabemos, Riobaldo, E o par central de todo o romance será formado por ele e Diadorim, também chamada/o Reinaldo.

O que pouca gente presta atenção neste romance, todo ele vivido nos sertões do Norte de Minas (um pouco nos de Goiás e nos da Bahia) é que Riobaldo, quando menino torna-se um “aluno de escola” e, depois, entre menino e moço, torna-se um professor. Isto antes de entrar em um bando de jagunços e se tornar Riobaldo Tatarana, o Urutu Branco, jagunço e, depois, chefe de jagunços.

Quero trazer para esta sequência de momentos e depoimentos sobre a educação... “onde parece que ela não existe”, algumas passagens do *Grande Sertão: Veredas* (que já li oito vezes). Linhas e páginas em que a educação comparece e é narrada.

Na minha edição do romance, já na página 66 está escrito isto:

*Paz e saúde, chefe! Como passou?
Como passou, mano?
Os dois grandes se saudaram. Aí Zé Bebelo reparou em mim.
Professor, ara viva! Sempre a gente tem de se avistar²⁴.*

Riobaldo, depois de perder a mãe e ir viver com o padrinho Selorico Mendes - de quem foge mais tarde para “jagunçar” - cedo é enviado por ele para a escola. E logo nas primeiras páginas ele se narra assim:

Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração. Não é que eu seja analfabeto. Soletrei anos e meio, mediante cartilha, memória e palmatória. Tive mestre, Mestre Lucas, no Currealinho decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho, tracei bonitos mapas. Ah, não é por falar: mas desde do começo me achavam sofismado de ladino. E que eu merecia ir de ir para cursar latim, em Aula Régia – que também diziam. Tempo saudoso! Inda hoje apreço um bom livro,

²⁴ Está na página 66 de minha edição do *Grande sertão: veredas*. Todas as outras citações serão também dela. É a edição de capa dura da Edição Abril AS. Cultural e Industrial, de 1983, em São Paulo. O grifo na palavra “professor” é de João Guimarães Rosa.

despaçado. ... Minha mulher, que o senhor sabe, zela por mim: muito reza. Ela é abençoável. (Página 14).

E foi quando o padrinho de Riobaldo descobriu que o menino não sabia ler, de imediato resolveu manda-lo aprender as primeiras letras.

E meu padrinho me mostrou um papel, com escrita de Neco – era recibo de seis ancoretes com pólvora e uma remessa de iodureto – a assinatura rezava assim: Manoel Tavares de Sá.

Mas eu não sabia ler. Então meu padrinho teve uma decisão: me enviou para o Currealinho, para ter escola e morar em casa de um amigo dele, Nhô Maroto, cujo Gervásio Lé de Ataíde era o verdadeiro nome social. Bom homem. Lá eu não carecia de trabalhar, de forma nenhuma, porque padrinho Selorico Mendes acertava com Nhô Maroto de pagar todo fim de ano o assentamento de tença e estipêndio, até de botina e roupa que eu precisasse (...)

Vai, acontece, ele me disse: - “Baldo, você carecia mesmo de estudar e tirar carta-de-doutor, porque para cuidar do trivial você jeito não tem. Você não é habilidoso”. Isso que ele me disser me impressionou, que de seguida formei em pergunta, ao Mestre Lucas (...) Assim Mestre Lucas me respondeu: - “É certo. Mas o mais certo de tudo é que um professor de mão-cheia você dava”. E desde o começo do segundo ano, ele me determinou de ajudar no corrido da instrução, eu explicava aos meninos menores as letras e a tabuada ²⁵ (...)

Eu não gostava dele, nem desgostava. Mas certo é que com ele eu não soubesse me acostumar. Acabei, por razão outra, fugindo do São Gregório, o senhor vai ver. Nunca mais vi meu padrinho. Mas por isso ele não me desejou mal; nem entendo. Decerto, ficou entusiasmado, quando teve notícia de que eu era o jagunço. (Páginas 83 e 84).

Não demorou mundo para acontecer o que aconteceu um certo dia. Já rapaz e antes de “jagunçar”, Riobaldo volta ao Currealinho e reencontra Mestre Lucas. Eis o que importa do que eles conversaram.

*Dizendo o que eu disse eu jurava que Mestre Lucas não ia acreditar. Mas acreditou, até melhor. Sabe o senhor por que? Porque, naquele dia, justo, ele estava remexido no meio de um assunto, que preparava o desejo dele para aí me acreditar. Digo: ele me ouviu, e disse:
- “Riobaldo, pois você chega em feita ocasião!”*

²⁵ Essas observações me recordam um fato passado comigo mesmo há anos. Ao me ver de gravador e máquina fotográfica em punho, registrando uma Festa de Nossa Senhora do Rosário, um capitão de terno de congos que eu havia conhecido antes, ao passar por mim guiando o seu terno, parou por um momento o seu cantório devoto e me gritou? “Eh, professor! Quem sabe dança. Quem não sabe, estuda”. E seguiu em frente, cantando e dançando.

Aí me explicou: um senhor, no Palhão, na Fazenda Nhanva, altas beiras do Jequitaí, para o ensino de todas as matérias estava encomendando um professor. Com urgência, era homem de sua situação, garantia de boa paga. Assim queria que Mestre Lucas fosse, que deixasse alguém dando escola no lugar dele, no Curalim, por uns tempos: isso claro, não podia. Eu queria ir? - “O senhor acha que eu posso?” – perguntei; para principiar qualquer tarefa, quase que eu sozinho nunca tive coragem. – “ei, pode!” – o Mestre Lucas declarou. Já que estava acondicionando numa bruaca os livros todos – geografia, aritmética, cartilha e gramática – e borracha, lápis, régua, tinteiro, tudo o que pudesse ter serventia. Aceitei. (páginas 92 e 93).

Convencido por Mestre Lucas (no livro a palavra “Mestre” vem em maiúsculas) Riobaldo toma rumo da fazenda, guiado por dois capangas do homem a quem deveria ensinar.

E era vistosa fazenda assobradada, com grandes currais e um terreirão. Vil logo o dono. (página 93).

Ora , de tudo o que o professor Riobaldo viu, viveu e aprendeu na fazenda de um fazendeiro-justiceiro-jagunço, por nome Zé Bebelo, vale a pena transcrever apenas alguns momentos do “ensino”.

Disse ao senhor? – eu estava pensando que ia dar escola para os filhos dum fazendeiro. Engano. O comum com Zé Bebelo, virava diferente adiante, aprazava engano. Estudante sendo ele mesmo. Me avisou. Quis antever os cadernos, livros, pegar com as mãos. Assim ler e escrever, as quatro contas, ele já soubesse, consumia jornais. Remexeu tarabuz, e tudo foi arrumando na mesa grande do quarto.

(...)

Nesse mesmo dia a gente começou. Aquele homem me exercitou tonto, eh, ô, me fino fiz. Ânsia assim e anfa, e poder de entender demais, nunca achei quem outro. O que ele queria era botar na cabeça, duma vez, o que os livros dão e não. Ele era a inteligência! Vorava. Corrido, passava de lição em lição, e perguntava, reperguntava, parecia até ter raiva de eu saber e não ele, despeito de ainda carecer de aprender, contra-fim.

(...)

De dia estávamos debulhando páginas, e de repente se levantava ele, chegava na janela, apitava num apito, ministrava aquela brama de ordens: dez, vinte execuções duma vez. O pessoal corria, cumpriam; aquilo semelhava um circo, um bom teatro. Mas com menos de mês, Zé Bebelo se tinha assenhorado de reter tudo, sabia muito mais do que eu mesmo soubesse. Aí a alegria dele ficou demasiadamente... (Página 94).

Até que um dia, acabadas as aulas porque Zé Bebelo já sabia tudo o que queria aprender, ele e os seus homens e mais Riobaldo partem a cavalo pelos sertões sem fim. Riobaldo sem saber como e nem quando vai começar a ser jagunço.

Até quando, muitos anos mais tarde, já quase um velho retirado da “jagunçagem”, é quando Riobaldo parte de visita e reencontra de novo Zé Bebelo, outra vez estabelecido como um alto fazendeiro.

E é neste reencontro que Zé Bebelo lembra ainda o jagunço e chefe de jagunços que Riobaldo Tatarana foi. Mas não esquece do professor que ele foi. .

Tudo viva!, Riobaldo, Tatarana, professor... E ele concisou. – “Tu quis paz?”
(Página 428)

E depois de dizer isso, um pouco mais à frente do quase final do *Grande Sertão: Veredas*, Zé Bebelo diz isso a Riobaldo.

- “A bom, eu não te ensinei; mas bem te aprendi a saber certa a vida...” (página 428).

E o grande livro termina como se conhece:

É o que eu digo, se for... Existe é o homem humano. Travessia. (página 429).

E, como se sabe também, o *Grande Sertão: Veredas* se conclui com este sinal:



**COMO UM ESCRITOR E POETA ESCREVE UMA CRÔNICA
PARA LAMENTAR QUE A ESCOLA
FAZ AS CRIANÇAS DEIXAREM DE SEREM POETAS**

Carlos Drummond de Andrade é bastante mais conhecido como um poeta. Como um grande poeta! No entanto ele escreveu também alguns contos e muitas crônicas. Várias delas durante anos publicadas no Jornal do Brasil. Quando eu era menino, antes de meus dez anos, devo aqui e ali ter cruzado com ele. Ele viveu boa parte de sua vida mineira em Copacabana, onde eu nasci. E onde comecei a ser um “menino de escola”, aluno do Colégio Paulista. Uma pequena escola na Avenida Atlântica, bem diante do grande mar oceano.

Há perto do “Posto 6” uma estátua do poeta, sentido num banco, olhando não me lembro se o mar ou se as pessoas pela calçada.

Não me lembro também de ele haver escrito crônicas ou poesias a respeito d educação. Certa feita fiquei feliz quando soube que ele foi expulso de um colégio religioso. Nunca confirmei a narrativa que me fizeram deste fato. Eu que também de um outro colégio religioso fui expulso aos 8 anos de idade.

A única crônica em que o poeta Carlos (ele, e não eu) escreveu falando da escola, é para reclamar que nela as crianças pequenas entram “poetas” e saem sem poetar.

Vejamos o que ele escreveu.

Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo?

Será a poesia um estado de infância relacionada com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma?

Acho que é um pouco de tudo isso, se ela encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo afora, conciliada com a experiência, o senso crítico, a consciência estética dos que compõem ou absorvem poesia.

Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo, à proporção que o estudo Sistemático se desenvolve, ate desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida?

Receio que sim.

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem.

A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo.

Sei que se consome poesia nas salas de aula, que se decoram versos e se estimulam pequenas declamadoras, mas será isso cultivar o núcleo poético da pessoa humana?

Oh, afastem, por favor, a suspeita de que estou acalentando a intenção criminosa de formar milhões de poetinhas nos bancos da escola maternal e do curso primário.

Não pretendo nada disto, e acho mesmo que o uso da escrita poética na idade adulta costuma degenerar em abuso que nada tem a ver com a poesia. Fazem-se demasiados versos vazios daquela centelha que distingue uma linha de poesia, de uma linha de prosa, ambas preenchidas com palavras da mesma língua, da mesma época, do mesmo grupo cultural, mas tão diferentes.

Se há inflação de poetas significantes, faltam amadores de poesia – e amar a poesia é forma de praticá-la, recriando-a.

O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas e, depois, como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética.

Não seria talvez despropositado cuidar de uma extensão poética das escolinhas de arte, esta ideia maravilhosa que Augusto Rodrigues tirou de sua formação humana de artista para a realidade brasileira. Longe de ser uma fábrica alarmante de versejadores infantis, essa extensão, curso ou atividade autônoma, ou que nome lhe coubesse, daria à criança condições de expressar sua maneira de ver e curtir a relação poética entre o ser e as coisas. Projeto de educação para a poesia (fala-se hoje em educação artística no ensino médio, quando o mais razoável seria dizer educação pela arte).

A vocação poética teria aí uma largada franca, as experiências criativas gozariam de clima favorável sem que tal importasse na obrigação de alcançar resultados concretos mensuráveis em nível escolar.

Sei de casos em que um engenheiro, por exemplo, aos 30, 40 anos, descobre a existência da poesia...

Não poderia tê-la descoberto mais cedo, encontrando-a em si mesmo, quando ela se manifestava em brinquedos, improvisações aparentemente absurdas, rabiscos, achados verbais, exclamações, gestos gratuitos?

Alguma coisa que se bolasse nesse sentido, no campo da Educação, valeria como corretivo prévio da aridez com que se costuma transcrever os destinos profissionais, murados na especialização, na ignorância do prazer estético, na tristeza de encarar a vida como dever pontilhado de tédio.

E a arte, como a educação e tudo o mais, que fim mais alto pode ter em mira senão este, de contribuir para a educação do ser humano à vida, o que, numa palavra, se chama felicidade?²⁶



²⁶ Esta versão foi retirada do *Jornal do Brasil* de 20 de julho de 1974. Eu então já havia deixado o meu Rio de Janeiro e era professor em Goiás. Casado e pai de um filho e uma filha.

**UM “MESTRE DOS MESTRES” DA FUNÇÃO DE SÃO GONÇALO
CONTA COMO APRENDEU E COMO ELE ENSINA OS SEGREDO DO RITUAL**

No começo de uma das seis “voltas” da Dança (ou Função, ou Folga de São Gonçalo, Mestre Antônio Telles, que eu acabara de conhecer, ao me ver gravando os cantos e os sapateados e palmeados da dança, tirou de improviso estes versos acompanhados de viola e violão.

*Faz muito tempo que eu danço
E eu sou o “folgazão”,
Deus lhe pague, Deus que ajude
Quem tem o gravador na mão.
E na frente de São Gonçalo,
Com respeito e devoção,
Para o senhor professor
São Gonçalo que dê a bênção.*

Passei uma noite em claro, pois a Função Gonçalo, no estilo paulista tradicional, deve começar com uma procissão ao cair da noite e terminar apenas no amanhecer do dia seguinte, quando “os folgazões” cantam e dança a “derradeira volta” e “entregam pra São Gonçalo” o que se fez entre o começo da noite de um dia e o começo da manhã do outro.

Depois, em parte me sua casa, Em Batatuba, município de Piracaia, em parte e ali mesmo no local da “Dança”, conversamos a respeito. E o que trago aqui são os fragmentos de quando os mistérios de ensinar, saber e aprender foram sendo narrados, por Antônio Telles. Um homem do povo que de si mesmo diz com humildade que é “mestre”. E às vezes diz que é também “mestre dos mestres”. Com que todas as outras pessoas da Folga de São Gonçalo concordam.

Por exemplo, o senhor se não tivesse essa vocação que o senhor tem dessa pesquisa, o senhor procurava outra né? Porque a gente tem que fazer um serviço que a gente goste dele, porque a gente faz e gosta do que está fazendo. Porque fazer o serviço que a gente não gosta, prejudica a gente mesmo, que a gente seja pago pra fazer, mas não é bom, eu não gosto de fazer isso. O que a gente faz tem que gostar de fazer e tudo ajuda, se não tem dom...

(...)

Agora, mestre dos mestres é o que toma conta da turma, do batalhão. Ele normalmente sabe mais. Por exemplo, se uma pessoa aprende comigo, aquele lá é discípulo meu, se ele aprende com outro, é discípulo do outro. Agora mestre dos mestres é o que toma conta da turma. Ele é o encarregado de tudo. Quando meu pai me ensinou, eu era discípulo dele, agora eu tenho muitos e muitos que é meu discípulo e até vira mestre. E na turma, a gente vê o que tem mais dom e sabe mais lidar com os companheiros, porque não é porque sou mestre que eu vou ser rígido com os companheiros não! Então, nas festas às vezes eu vejo que os companheiros estão cansados. Primeiro eu entro, para depois chamar eles, né? Pra eles vir também. Por exemplo, uma dança com cinco pares tá bom. O violeiro mais cinco pares atrás já dá uma dança bem boa. Agora eu quando eu vejo que tem uns que tá muito cansado, eu não vou chamar ele pra dar mais uma dança, então eu deixo ele descansando e outro entra pra descansar, porque a noite geralmente eu faço seis voltas. Primeira, segunda, terceira, quarta, quinta e sexta volta, e o caruru, é o encerramento da festa e chama “caruru”.

(...)

Agora, eu faço de improviso na Dança de São Gonçalo. Se o senhor me perguntar um verso agora, é capaz de eu não responder. Mas se eu chegar no altar e cantar um, eu tô cantando um e vem descendo o outro pra eu cantar. Eu tenho tanta facilidade que um dia eu peguei cantar pra um conhecido meu – até ele dançava comigo, ele era dono de uma turma (de dançadores do São Gonçalo). Ele falou que não tinha muita facilidade de fazer verso, e eu falei: “eu tenho”. E eu fiquei quatro horas cantando pra ele. Cantando com oito pés e eu não repeti nenhum. Oito pés é isso aqui, ó: tem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Geralmente os dançadores de São Gonçalo, a gente canta com esse aqui só: 1, 2, 3 e 4 (ele mostra nos dedos).

Por exemplo:

São Gonçalo é violeiro

Protetor dos folgazão

Eu não tinha onde guardar

Pus a viola no chão.

Terminou o verso. Agora, eu, geralmente, eu canto com oito pés. Eu cantei com travadinha, que é trovado e travado. O senhor canta: 1º e o 2º e 3º, trova no meio o 4º, trova com o 1º; depois, mais dois no meio e o último: trova o 4º com o 1º. Por isso que é trovado e travado, e tem muitos. Quando canta de improviso tem que saber como que vai trovar. Por exemplo, na Dança de São

Gonçalo é sempre com palavras religiosas. A gente não pode por no meio versos que não tem pelo menos 40% de palavras religiosas, que sem religião já é o catira.

(...)

Agora, neste tempo, tem alguns meninos aprendendo, muito pouco, na minha turma tem uns quatro meninos que estão aprendendo. Esses é que vão continuar; esses quatro meninos. Pois já toca bem viola, mas não canta ainda. Por exemplo, o meu menino, no pé e nas palmas, ele foi bom até nas festas que ele ia que tinha uns oito anos. O povo ficava só olhando ele, ele era pequeno e fazia certo, mas pra dançar de viola, ela está aprendendo tocar viola, mas a voz dele, eu acho que não dá certo, não ajuda. Eu não tô nem ensinando pra ele cantar, porque a gente não pode esforçar, né? Porque o que não vem de dentro, a gente não coloca. Se o dom é pra isso, dele é que vem. Agora a gente ensina ele tocar violão. Agora, os versos, se ele quiser cantar, até posso tirar num papel pra ele decorar, pra cantar, mas acho que ele não tem vocação pra cantar. Porque tem que ter dom, vocação pra cantar. Porque tem que ter dom, vocação, voz. Porque eu desde molequinho, eu já tinha voz, já ia cantando, porque o que não tem vocação não aprende mesmo.

(...)

Eu tenho um pouco da ciência da bíblia e eu escrevi os versos, depois decorei todos e cantei. Eu fui fazendo e escrevendo mais ou menos 50 versos pra cantar quando eu vi que estava mais ou menos, porque o caipira não fazer as coisas certas no português, mas aí eu decorei e cantei e foi surpresa que metade das pessoas que tava assistindo o cururu choraram durante aquela volta.

(...)

O companheiro tem que ser bom. Eu aprendi a dançar com meu pai. Quando eu tinha oito anos de idade eu já dei uma volta dançando, como a gente fala por aqui, eu de mestre cantando e outro ajudando. Mas eu sempre ajudava meu pai, mas depois ele ficou meio doente e já tava cansado devido a doença dele, porque ele morreu moço, morreu com 52 anos. Eu aprendi porque vem de roça, né? E depois eu dançava com meu irmão, mas como ele pegou um serviço de viajante, numa festa ele ia, na outra ele não podia ir, então pra não dar exemplo pros outros companheiros, porque a dança de S. Gonçalo, cada um tem um bisneto, outros insertos e outra turma, outro batalhão de S. Gonçalo e tudo corresponde uma coisa só.

(...)

E outra, o “mestre do gela” é o que canta de gela, agora o mestre que canta de gela é mestre dos outros mestres, no caso meu. Ele é mestre da dança, e dança de viola. Agora eu danço, sou compositor dos versos, de música e de toque de viola e sou mestre dos mestres, quer dizer que todos os mestres da minha turma ou batalhão, como queira, eles obedece a mim.

(...)

Eu sou mestre porque cada batalhão tem um mestre de todos. Por exemplo, eu tenho 26 a 30 companheiros. Tenho companheiros que canta de viola, faz a volta com outra pessoa, tem os que tira e tem os palmeiros, então eu sou mestre de todos. Quando aparece um pra marcar festa, então eles vem aqui em casa e quem marca sou eu. Eu sou quem aviso todos os companheiros, eu que controlo tudo. Por exemplo, no congo tem o capitão, agora em S. Gonçalo é mestre o chefe da turma.

(...) Agora a gente não nasce sabendo, mas nasce com dom, porque quem não tem dom pra aprender a viola, não aprende, não tem jeito. Os filhos do meu irmão, ele é violeiro e os filhos dele não sabe nem pegar na viola. Já meu filho tá aprendendo, ele gosta.

Agora, eu, da dança de S. Gonçalo, eu gosto muito, mas eu tenho como religião e devoção a S. Gonçalo. Desde pequeno eu gostava e meu pai gostava muito também. Então ele ia em festa e me convidava e eu ia, e como eu gostava. Aprendi com ele e depois continuei. Ele faleceu e então eu fiquei no lugar dele como mestre dos mestres. E depois ele parou um pouco, mais ou menos uns 6 meses antes dele morrer. Ele me chamou e perguntou: você quer ficar, fica você mestre dos mestres. Ele até falou uma coisa, e em alguma festa eu faço o contrário do que ele falou. Porque ele disse pra mim, a primeira volta do cururu você faz, mas como eu, muitos companheiros e como todos eles fazem em algumas festas, eu faço a primeira e a derradeira, em outra eu faço a primeira e mando outro fazer a derradeira, outras, um faz a primeira e eu a derradeira, porque eu tenho muitos companheiros.

(...)

Agora, na turma de S. Gonçalo não gira dinheiro. As pessoas entram de espontânea vontade e a gente explica pra eles: faça assim... faça assim... Quando eles querem aprender, a gente pode ir na casa deles cantar com eles, o que pede, eu vou na casa dele, canto com eles, porque tem muito deles que canta pra S. Gonçalo. Ele não tem facilidade de fazer os versos, então ele aprende de outro, os versos que ele canta não é dele. Por exemplo, se tem um que quer cantar, sabe dançar, mas não tem facilidade pra fazer os versos, pode vir aqui, eu faço, eu conto quantos canta no altar e escrevo tudo

e entrego pra ele e falo: decora e canta que dá a volta certa. Eles decora e canta e dá certinho a volta. Agora eu faço de improviso na dança de S. Gonçalo. Se o senhor me perguntar um verso agora pra mim, é capaz de eu não responder, mas se eu chegar no altar e cantar, eu tô cantando um e vem descendo outro já pra mim cantar. Eu tenho tanta facilidade que um dia eu peguei a cantar pra um conhecido meu, até ele dançava comigo S. Gonçalo e era dono de outra turma. Ele falou que não tinha muita facilidade de fazer verso e eu falei: eu tenho. E aí eu fiquei quatro horas cantando pra ele com oito pé e não repeti um. Oito pé é isso aqui ó. Tem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Geralmente, os dançadores de S. Gonçalo, a gente canta com esse aqui, só 1, 2, 3, 4. Por exemplo: "S. Gonçalo é violeiro, protege os "forgazão", não tinha onde guardar, pus a viola no chão". Terminou o verso. Agora, eu geralmente, eu canto com oito pé. Uma que o senhor gravou, eu cantei com trovadinha ela. Que é trovado e trovado o senhor canta o 1º e o 2º e 3º, o senhor trava no meio o quarto, trava com o 1º, depois mais dois no meio e o último trava com o quarto e com o primeiro, por isso que é trovado e travado e tem muitos.

(...)

Quando canta de improviso, tem que saber como que vai travar. Por exemplo, na dança de S. Gonçalo, é sempre com palavras religiosas, né? A gente não pode por versos no meio que não tem pelo menos 40 por cento de palavras religiosas, se não fica... que sem religião, é o catira. Agora eu tenho nas danças de S. Gonçalo algumas vezes eu faço o catira de S. Gonçalo, que é a mesma dança de S. Gonçalo, mas só que é diferente o modo de dançar catira de S. Gonçalo. É da mesma dança do S. Gonçalo, só que o jeito de bater o pé, bater a mão e cantar é diferente. É uma dança antiga de S. Gonçalo, é religiosa também. A gente faz na frente do altar com beijamento e tudo, os versos é religioso. É catira de S. Gonçalo porque o jeito de bater o pé e a mão é diferente um pouco.

(...)

Como é que chega um mestre no altar sozinho? Ele não faz nada. É como em alguns versos que eu canto: "Se não fosse meus companheiros, eu não sou ninguém!" Eu sozinho não sou nada na festa. Porque não pode fazer, tem que ter os companheiros, no mínimo oito companheiros tem que ter. é coisa que não tem outro jeito de fazer. Porque as mulheres fazem as promessas... Sendo oito companheiros, dá 4 pares, as mulheres vão pagar as promessas. Algum moleque que quer aprender entra também, algum outro que está na festa, gosta da dança, embora novo, bate o pé e mão certa no

ritmo, mas eles entra também, então dá. Mas tem que ter no mínimo oito, pra segurar a palma e pé, né? Pra não bater errado, porque o errado aparece muito. Pelo menos perto do violeiro tem que ter uns três pares que batam certos e os que estão atrás, querendo aprender, eles pode pensar no ritmo e sai mais ou menos certos. Porque pode ter vinte pares dançando, se um pé lá atrás sair fora, eu estou cá na frente cantando, a gente escuta que está errado, porque o errado aparece mais que o certo. Quando é minha turma, é só eu olhar para ele, ele já viu que bateu errado, porque sem falha não existe, não existe nada perfeito, sempre existe falha, máquina, que é máquina, falha, né? O humano falha também, mas é uma falha que às vezes a gente vai dançando e por um motivo ou outro, ele dá uma batidinha meio fora, mas sem falha não existe.



O Mestre Antônio Telles. Ele é o de boina e viola. A única imagem de um adulto nesta sequência.

**UM DIÁLOGO SOBRE O APRENDER A LER E ESCREVER EM UM LIVRO CHAMADO
“A MÃE”**

Maksim Gorki foi um grande escritor russo. Ele viveu a revolução de 1905 e esteve preso por causa de sua participação nela. atravessou parte da implantação do Regime soviético como escritor. Foi um menino pobre e abandonou os seus estudos escolares aos oito anos. Viveu entre vários ofícios e foi um errante em seu País. Depois de libertado migrou para o EUA e depois viveu em Capri, na Itália. Voltou à Rússia em 1913. Estava na Rússia durante a Revolução Socialista, mas entre 1921 e 1928 voltou a viver na Itália. Voltou à Rússia já como União Soviética e morreu em 1936, durante o duro Regime Stalinista, quando inúmeros escritores foram denunciados, presos, fuzilados alguns e enviados como prisioneiros para a Sibéria, outros.

Um de seus romances mais conhecidos e comoventes é A Mãe. É dele o pequeno trecho a seguir.

- Pensa de verdade em ensinar-me, Andrei?

- E porque não? Tentemos. Já quem uma vez aprendeu, ser-lhe-á agora mais fácil. Se conseguirmos, tanto melhor, se não, paciência. Diz o provérbio: Se não há milagre não faz mal, se há milagre, tanto melhor.

- É como se diz: “sou árvore que já não dá frutos”. (...)

- E esta letra?

- Hum, respondeu a mãe.

- Bem. E esta?

E a lição continuou. Dedicando-se com toda a boa vontade; olhar fixo, sobranceira franzida, procurava recordar das letras esquecidas; tanto se mergulhar no estudo, que não se lembrava de nada mais; os seus olhos fatigaram-se dentro em pouco, e neles se acumularam as lágrimas que o cansaço provocava.

- Aprendo as primeiras letras! – e desatou a soluçar...²⁷

²⁷ Tirei esta passagem não de um original do romance. Ela está na página 43 do livro *Os pés do tempo e a revolução – Cem anos de outubro*, editado pela Organização Palavras Rebeldes – Coletivo Nacional de Cultura do MST, São Paulo, 2017.

**COMO UM DOS CRIADORES DO “ENSINO CENTRADO NO ALUNO”
PENSOU UM DIA COMO DEVERIAM SER
“OS CRIADORES DE UM FUTURO HUMANIZADO”**

De acordo com o pensamento de Carl Rogers e de propostas escritas em seu livro *Em busca da Vida*, quem seriam as “novas pessoas criadoras” de um futuro humano de um “mundo completamente revolucionário de amanhã?” O que as caracterizaria? Depois de ler e reler seus escritos, e depois de utilizar suas ideias mais de uma vez em aulas e falas, resolvi “traduzi-las” em uma linguagem mais de nosso tempo. Acredito haver sido fiel ao texto original. De qualquer forma eu indico a fonte, para quem queira ler exatamente o que Rogers escreveu. Lembro que ele foi um psicoterapeuta e um educador norte-americano. Entre os anos cinquenta e setenta exerceu uma muito forte influência tanto sobre psicoterapeutas quanto entre educadoras. Ele foi o criador da “terapia centrada no cliente” e, mais tarde, do “ensino centrado no aluno”.

Sempre achei que um frequente esquecimento da contribuição de Carl Rogers inclusive no campo de uma educação humanista e humanizada, é uma das injustiças de nossos dias.

Transcrevo abaixo a minha versão de suas ideias sobre como ele imagina que seriam as pessoas “criadoras de um futuro humanizado”.

Elas experimentam viver as suas vidas não como uma sequência incontrolada de fatos e acontecimentos, mas como um ativo processo de construção-de-si-mesmo. Vivem a vida como um fluxo de energia, como uma permanente possibilidade de transformação. A fixidez e a ausência de um sentido fluido e ascendente do viver não é parte de suas experiências.

Elas buscam viver uma relação harmônica com a natureza (Rogers usará a palavra; “confortável”). Sentem-se parte e partilha do mundo natural e “a ideia de ‘conquista da natureza’ é um conceito a que são avessos”.

Elas acreditam que o exercício de qualquer forma de poder colonizador sobre os outros é apenas uma forma disfarçada ou não de conquista e apropriação indevida. São, portanto, avessas a qualquer alternativa de domínio-sobre-o-outro, e agem no sentido de potencializar cada outra pessoa e compartilhar com ela um poder socializado entre empreendimentos co-responsavelmente coletivos.

Elas procuram experimentar as suas relações sociais com os outros como um acontecer derivado de suas relações com a própria natureza. Assim, agir “naturalmente” possui para elas um duplo sentido: agir de forma correspondente a como se age como e com a natureza, em busca de seguir o seu fluxo e compartilhar sua ordem... natural; agir tomando o outro como um ser habitante do mesmo mundo e da mesma ordem natural da vida de que por igual sou uma dimensão.

Elas procuram como seres que sentem, pensam e agem, saltar para fora dos muros de um mundo dual, compartimentalizado e reducionista de diferenças. Um mundo que opõe o corpo e a mente, a mente e o espírito, a ciência e a arte, o homem e a mulher, o “meu” e o “de outros”. Em lugar disto, elas se empenham no sentido de alcançarem uma totalidade de vida, experienciando o pensamento, o sentimento, a energia física, a energia psíquica, a energia curadora e tudo o mais de forma integrada.

Elas buscam viver para além do domínio do ter, em busca de uma vida cada vez mais aberta na experiência do ser e do compartilhar. São pessoas para quem a experiência da gratuidade é superior a qualquer desejo utilitário de ganho ou proveito individual. São pessoas em que a partilha através da troca e da dádiva parecem render muito mais satisfações do que o desejo do ganho e da acumulação material de bens e de poderes.

Elas estão em constante busca de superação, de ir-além, sem forçar, no entanto, a ordem harmônica natural do curso da vida e de suas vidas. São pessoas para quem a experiência de uma vida interior possui um sentido de orientação fundamental do destino e do dia a dia. São pessoas que não fogem a se reconhecerem como seres crescentemente espirituais (o termo é de Rogers). São pessoas abertas a experimentarem estados crescentes de uma vida criativamente consciente e até mesmo trans-consciente e transpessoal.

São pessoas que mesmo quando essencialmente ativas e produtivas (no bom sentido desta palavra), estão abertas a experiências derivadas da criação de silêncio interior, de meditação e de busca cotidiana de transcendência. “Querem encontrar um significado e objetivo de vida que transcenda o indivíduo”.

Elas são pessoas ao mesmo tempo equilibrada e radicalmente abertas ao novo. Abertas e novas alternativas e a novas experiências. Estão propensas

a aprenderem sempre o que não sabem ainda, e a reformularem modos de ver, de sentir, de pensar, de agir e de viver. São pessoas que não temem arriscar o que possuem em segurança em nome do que pode ser um salto em direção tanto ao desconhecido quanto à superação generosa de si-mesmas.

Elas são pessoas abertas à autocrítica tanto quanto à crítica dos outros. Mesmo quando seguras de quem são e de como pensam e vivem, gostam de lidar com modos diferentes de experimentar tudo como elas próprias experienciam. São avessas a qualquer forma de dissimulação e de perda de busca de verdades em nome do encontro com retóricas de mero “convencimento do outro”. Qualquer forma de fundamentalismo é extremamente negado por elas. Qualquer modalidade de diálogo é um caminho por onde querem viajar.

Elas são pessoas afetiva e ativamente motivadas ao Outro. São pessoas essencialmente interessadas nos seus Outros. São pessoas que sem se perderem fora de si-mesmas, estão sempre abertas à acolhida de outras pessoas. São avessas a estabelecer relacionamentos íntimos restritos a círculos de “escolhidos”. Estão sempre abertas a serem úteis-aos-outros. Buscam no Outro não uma utilidade para mim, mas uma partilha entre iguais diferenciados. O desejo de “levar vantagem” em qualquer relação é totalmente avesso à sua busca de partilhas.

Elas tendem a serem crescentemente arredias a instituições, normas, modos de vida regidos por estruturas rígidas, por preceitos irremovíveis, por prescrições impostas de cima para baixo, por regulamentos colocados acima da criatividade, de generosidade e da solidariedade entre pessoas e seus propósitos.

Assim, elas são pessoas que confiam bastante mais no consenso criado através da partilha e do diálogo, do que em critérios e códigos pré-construídos e impostos desde fora, por mais justos e adequados que possam parecer. São pessoas que preferem errar buscando construir os seus caminhos, do que caminhar com uma segurança imposta pelas setas de indicação rígidas de instâncias pessoais ou institucionais de poder. “Fazem seus próprios julgamentos morais, mesmo que desobedeçam abertamente a leis que consideram injustas”.

Deixemos que Rogers complete a série com as suas palavras.

Suas vidas são construídas sobre uma filosofia consistente – uma confiança básica na natureza construtiva do organismo humano, um respeito pela integridade de cada pessoa. Uma crença na ideia de que a liberdade de escolha é essencial para uma vida plena, uma crença de que a comunicação harmoniosa entre indivíduos pode ser facilitada, um reconhecimento de que a experiência de comunidade íntima é essencial a uma boa vida²⁸.



²⁸ Esta pequena síntese realizada por mim pode ser encontrada em: *Em Busca da Vida*, de Carl Rogers e outras pessoas. Publicado em Português pela Editora Summus, de São Paulo, em 1983.

**FRAGMENTOS DE UMA CONVERSA PÚBLICA
ENTRE DOIS AMIGOS E PROFESSORES
EM UMA ESTAÇÃO DE TRÉNS EM CAMPINAS²⁹**

Certa feita o pessoal da Editora Papyrus, de Campinas, resolveu organizar um diálogo entre Rubem Alves e eu. Nós, que já havíamos ao longo dos anos partilhado um sem-número de encontros, debates, mesas redondas, cursos etc.

E o curioso é que o local escolhido foi a grande plataforma central da Estação Ferroviária de Campinas. Improvisaram um palco, reuniram um monte de cadeiras e ficou gente de pé.

Rubem e eu conversamos livremente por mais de uma hora. Acho que quase por umas duas horas. Depois, sem plateia a nossa conversa continuou na casa dele. As duas foram gravadas e filmadas. Delas resultou o livro: Encantar o mundo pela palavra. Foram dias felizes.

Eu quis trazer pra este livro algumas passagens. Deixei de fora as minhas, a não ser em três momentos, para que este livro termine com palavras de um amigo querido com quem convivi em não sei quantas situações e lugares, ao longo de mais de quarenta anos.

Rubem (Alves) – ... Aliás, Gaston Bachelard diz isso: “O universo tem um destino de felicidade, o homem deve reencontrar o paraíso”. Olha só que coisa mais bonita.

Agora, veja você o que eu amo? Eu amo o cheiro do milho que caía do monjolo e a água passava e fermentava o milho, e você escutava o barulho da água enquanto sentia o cheiro milho fermentado que é um cheiro ruim, mas que é maravilhoso. Coisas do passado. Eu até disse, por brincadeira, adotaria a doutrina da reencarnação com uma condição. Como você sabe, os que adotam a doutrina da reencarnação sempre falam em progredir, avançar. Eu não quero avançar. Eu quero voltar, porque a alma vive de saudade. Ela quer voltar. A alma quer voltar, porque a gente vive de memórias, e é por isso que a gente escreve. A gente escreve para que a felicidade perdida não se perca. A gente escreve para ressuscitar dos mortos o passado.

...

Rubem – *Essa coisa fantástica que acho sobre a literatura, sobre a poesia, é que nelas a gente sente o prazer em repetir. Por exemplo, um texto científico,*

²⁹ Esses fragmentos de uma longa conversa entre Rubem Alves e eu foram reunidas em um livro publicado pela Papyrus Editora, de Campinas, com este livro: *encantar o mundo pela palavra*.

uma vez lido e entendido, você nunca mais vai ler aquele texto. Isso tem a ver com a briga que eu tenho vez ou outra com os gramáticos. Briga contínua, porque eles tiraram do dicionário a palavra “estória”. Lá só tem a “história”. E o Guimarães Rosa diz: “Tu, também, dizendo a ‘estória’ não quer tornar-se ‘história’. A ‘estória’ é contra a ‘história’”. Então, o que é “história”? A “história” é um passado que aconteceu e não volta mais. A “estória” que nunca aconteceu e que acontece sempre, porque isso que você diz não é o que aconteceu, mas o que está sempre acontecendo.

É como se você fosse um artista trabalhando com matéria-prima. Toda vez que você conta um “causo”... quem conta um conto aumenta um ponto. É uma outra coisa, recriada. E a gente ouve o que houve ou não houve, e se toca, e chora. A gente chora. Isso que eu não entendo. Eu posso entender que uma batida de dedo na porta me faça chorar, faça as crianças chorarem. Mas que uma palavra – “guarda-comida” – ou “o cheiro de capim-gordura” tenha um tal poder poético e profético!

Uma vez eu escrevi um artigo longo para uma revista. Eu recebi uma carta de um homem lá de Poços de Caldas falando sobre o artigo. Do artigo ele tirou uma palavra, uma expressão. Ele não falou nada do artigo, ele só falou sobre “o cheiro do capim-gordura”. E quando ele falou “o cheiro do capim-gordura”, que eu tinha escrito “capim-gordura”, aí nós criamos uma comunhão. É como se o capim-gordura fosse parte de nós dois. Esse é meu corpo. Esse é seu corpo, então nós dois vivemos juntos uma comunhão. Então a poesia e a literatura criam comunhão. E a gente descobre que a gente é igual ao outro.

Carlos – E por isso as palavras ditas, ao invés do que se pensa, elas se eternizam. E exatamente pela sua absoluta fragilidade. Quando você estava falando eu estava lembrando algumas situações curiosas. Uma delas: eu tenho a impressão que comparto com você. Eu duvido que você releia os seus livros de teologia e de educação. Mas provavelmente você relê, ou contando para uma neta ou para você mesmo, suas crônicas e suas histórias para crianças. Eu raramente releio os meus livros sobre antropologia ou sobre educação. ... Mas os meus livros de poesia, volta e meia, eu releio pelo puro prazer de me ouvir lendo um poema que escrevi, às vezes há 20, 30 anos atrás, não é verdade?

Rubem - É a pura verdade. Aliás, uma coisa que é muito gozada e é parecida com um poema de Fernando Pessoa. Eu não sei de cor, mas ele diz mais ou menos assim: “às vezes eu tenho ideias felizes, ideias que se transformam em poemas. Depois de escrever, penso “Como escrevi isso? Eu nunca pensei isso, isso é muito melhor que eu”. E ele chegou à conclusão “Seremos nós apenas canetas com que alguém escreve essas coisas que a gente escreve?” E essa experiência para mim é muito interessante. Eu não me lembro do texto das minhas crônicas. Eu esqueço, não é possível guardar. Então você pega a

crônica e você lê, como se estivesse lendo pela primeira vez. E aquilo vai dando uma felicidade... É um negócio tão profundo, tão quase mágico.

Uma vez uma pessoa me perguntou: “Você escreve para quê? Para produzir felicidade nos outros, para ensinar os outros?” E eu falei: “Não. Jamais. Eu escrevo pela pura alegria de estar escrevendo”. Quando estou escrevendo é como se estivesse armando um quebra-cabeça. Ponho a palavra lá, mudo outra aqui. E é muito bom. E acontece que essa coisa que escrevi, num primeiro momento foi só para mim, sem nenhuma intenção filantrópica ou educativa. Porque foi gozo puro. Acontece que quando ela cai em circulação, ela assume então funções terapêuticas, funções educativas, uma coisa que não estava na minha primeira motivação.

...

Rubem – *Eis aí! Por isso você não pode fazer aquela pergunta tola “O que o autor queria dizer?” A pergunta da interpretação. Porque você imagina que o texto se refere sempre a uma outra coisa, diferente do que o autor queria dizer. Mas que esse autor, por uma impossibilidade, uma pobreza linguística, não conseguiu dizer. Então, aí vem a interpretação... Sempre você toma como referencial essa coisa que não está lá, diversa do que o autor quis dizer. E veja que o Barthes era um semiólogo da literatura. Mas veja como ele lia e procurava compreender os seus autores com um profundo respeito. Com uma quase ingênua e muito sábia inocência.*

Às vezes as pessoas me perguntam “O que você queria dizer com isso?” E eu digo “Quando eu disse isso, eu queria dizer isso, porque se eu quisesse dizer aquilo, eu teria dito aquilo e não isso!” Quer dizer, a literatura diz de muitos e diversos modos, por isso ela é literatura. Ela nunca quer dizer “exatamente isto ou aquilo”. Isso é um negócio meio Lacaniano. Ela é a coisa em si, a coisa é o verbo e não o que o verbo significa. É o verbo. O Archibald Mcleish nos lembra que a poesia deveria ser como uma maçã redonda. É um objeto! Ela não significa: é um objeto. E outro que fala a mesma coisa é o Mário Quintana. Pois ele dizia que sonhava escrever um poema que fosse como um fruto sumarento, cujo sumo escorresse pelos cantos da boca antes que a pessoa compreendesse o seu sentido.

Rubem – *(Depois que eu lembrei a passagem final do “Aula”, de Roland Barthes) “Desaprender!” Esquecer tudo o que se aprendeu, porque ele dizia que era preciso raspar as sucessivas sedimentações que a cultura e a civilização foram colocando sobre a gente, para a gente retornar a alguma coisa essencial. Esquecer para lembrar. E aí o Barthes vai encontrar uma coisa que ele poderia ter dito em francês, mas não disse. Ele disse que ia dizer uma palavra latina porque ela está no cruzamento da etimologia, que é **sapiência**. Ele poderia ter dito “sagesse”, que é a palavra francesa para “sabedoria”. Mas **sapiência** nos remete a “sapio” que em latim é “eu saboreio”. O “Sapio”, bem*

próximo do “sábio”, é o saboreador. Então ele introduz essa dimensão de saborear a vida, que é a sabedoria. Que é o quê? Uma pitada de saber...

...

Rubem - Ô, Brandão, esse não é o mistério do inconsciente? A gente tem uma imagem original que depois, através da cultura, outras imagens vão colocando. Eu fico pensando muito nas imagens de deus. Porque as crianças não têm imagem alguma de deus. Porque as crianças vivem muito com os sentidos, com o olho. E elas nunca viram deus. São os adultos que pintam deus e o diabo para as crianças. E aí então chegam essas imagens dos adultos, imagens de inferno, de um deus sentado no trono. Aquele olhar pasmado das crianças vendo as coisas pela primeira vez, inclusive antes das palavras.

Quem fala também muito sobre isso, sobre buscar a inocência das palavras antes, de ver a coisa antes da palavra, é o Manoel de Barros. Ele está sempre em busca das palavras em estado de “acriançamento”. Então essa coisa, essa experiência original desaparece debaixo das sedimentações da educação, porque a educação faz isso.

Quando falo educação não é a escola, são as palavras. Você vê, palavra é uma coisa perigosa, porque a gente está falando aqui só sobre essa palavra maravilhosa, a palavra da poesia. Mas a palavra da poesia pode ser terrível, porque a poesia tem várias armadilhas. A rima é uma armadilha. Tantos hinos patrióticos a gente canta sem perceber o sentido. Os hinos religiosos... A gente recita, canta o hino, a música é bonita, é comovente, a rima está lá. Mas, no fundo, lá vem junto aquela ideia miserável, terrível, colada na letra e colada na música. É preciso raspar isso.

O Wittgenstein dizia que a filosofia é uma luta contra o feitiço que certas formas de expressão exercem. O feitiço que a palavra exerce sobre nós. Acho que isso aí tem muito a ver com os mestres zen, que não têm nenhuma filosofia racionalizante para ensinar. Eles sabem que nós estamos prisioneiros de uma rede de linguagem. E o Wittgenstein dizia isso também. Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo. E eu sou prisioneiro da linguagem. A “trapaça” a que se referia o Barthes é exatamente aquela rasteira que você dá na própria linguagem, para que a armadura que reveste as palavras se quebre. O que é um dogmatismo? O que é o fanatismo? São as formas de linguagem totalmente esclerosadas, endurecidas. E os mestres zen, que não ensinavam nada, eram especialistas em “dar rasteira” na linguagem comum. E, para isso, eles tinham um artifício: os koans. Os koans eram absurdos, eram falas aparentemente sem sentido algum, que eles jogavam na linha lógica para a pessoa abrir os olhos da mente, e perceber que tinha um outro jeito diferente de ver e compreender as coisas.

Rubem - ... E isso é uma coisa interessante em relação aos mistérios do lembrar e do esquecer. Se você fizer uma comparação entre a linguagem da ciência e essa linguagem da vida. Quando você esquece uma palavra na

linguagem da ciência é fácil. Você vai em algum livro e você sabe onde ela está. Mas essa palavra da vida que você esqueceu, você sabe que ela existe, mas você não sabe onde ela está. E essa linguagem é a linguagem que só vem quando ela quer. A linguagem do poeta... O poeta não faz o poema no sentido de fabricar o poema. É quase uma experiência mediúnica. A palavra vem; a palavra se impõe. Agora, na ciência, você tem a palavra na gaiola. Vamos dizer, na ciência as palavras são engaioladas. Na poesia e na literatura as palavras são pássaros que voam soltos e que vêm quando querem. E tanto é assim que na linguagem da ciência você quase nunca pode usar a palavra "eu". É: "observa-se", "nota-se", "conclui-se". Quem? Ninguém e todos.

Rubem - ... *As memórias ficam dentro da gente como uma espécie de vazios. Alguma coisa aconteceu, não acontece mais, mas ela fica presente como um vazio a que se dá o nome de "saudade". E quando a gente escuta música ou vê o lugar, ou vê a fotografia, é como se houvesse uma experiência de encaixe, uma experiência sexual, quase. Um pleno entrando num buraco que existe dentro da gente. Acho que é por isso que a gente tem experiência estética. Experiência estética é a experiência de se encontrar com algo que preenche um buraco que existe na gente. Tanto que eu uso brincar que quando eu escuto Mozart, não é Mozart. Sou eu. Que aquela música do Mozart entrou dentro de um buraco que estava em mim. Se não tivesse o buraco, eu não teria a menor experiência estética com aquilo.*

Mas então os velhos começaram a me escrever. Ah! E eu tive experiências fantásticas com velhos incríveis, porque eles se reconheceram lá. Agora, a minha tristeza é a minha incapacidade de transmitir às crianças e aos jovens as experiências que são caras para mim. E não é uma questão de pedagogia, não é uma questão da maneira de contar. É que falta a eles a pressuposição, ou seja, o buraco. Fernando Pessoa escreveu a mais bonita declaração de amor que eu já vi: "Quando te vi, amei-te já muito antes. Tornei a encontrar-te quando te achei". Isso é válido para a experiência amorosa, quer dizer você encontra uma mulher, e tem amor à primeira vista porque não é à primeira vista. Ela já estava lá! Foi uma experiência de reencontro.

Então, como os jovens não têm essa experiência anterior, a gente não tem condições de transmitir, de fazer com que eles experimentem aquilo que nós experimentamos e que faz parte da vida da gente. Assim, é como se uma parte muito grande de mim mesmo se perdesse aos poucos. Algo meu, tão meu, mas que eu quero compartilhar. Só ela não pode ser compartilhada porque falta o pressuposto - o buraco - para essa experiência de estar junto.

Quando eu escrevo sobre o passado escrevo para mim mesmo, mas escrevo para os outros: para os velhos, para as crianças, minhas netas, para vocês. E agora vai sair um livro sobre um velho que acordou menino. E eu escrevi não porque inventei aquela estória. Escrevi porque ela é parte das minhas

memórias. Acho que quem vai gostar do livro são os velhos, porque eles já viveram as experiências e, portanto, vão gostar do livro.

Carlos – *Ou talvez as crianças, quando ficarem velhas.*

Rubem – *Ou talvez as crianças quando ficarem velhas!*

Mas acho que a gente escreve muito para isso, para que as memórias da gente não se percam, porque são quaisquer memórias. São as memórias queridas, pois as outras são esquecidas. A Adélia Prado escreveu um dia: “aquilo que a memória ama fica eterno”. Acho que a melhor psicologia que já vi sobre a memória. Se você ama, o amor não suporta a perda. E uma forma de você não perder é transformar a experiência que não existe mais em poesia ou literatura.

Há um tipo de educação que tem por objetivo produzir conhecimentos para a gente transformar o mundo, interferir sobre o mundo. Que é a educação científica e técnica. Mas há uma educação – e é isso que eu chamo realmente de educação – em que o objetivo não é fazer nenhuma transformação no mundo, mas é transformar as pessoas. E a educação para transformar as pessoas é essencialmente antropofágica. Aliás, a psicanálise diz que nós somos formados por sucessivos atos antropofágicos. Eu devoro um pedaço da minha mãe, devoro um pedaço do meu pai. Só que a psicanálise não fala assim, porque tem medo de ser identificada com rituais primitivos. Então ela fala em “introjeção”. Mas introjeção é a mesma coisa que comer, que devorar. Introjeção é botar uma que está fora da gente, dentro da gente.

Então sobre essa questão de o que eu vou fazer para criar a nova geração, eu não tenho a menor ideia. Eu não tenho mesmo a menor ideia! Mesmo porque não aconteceu nada assim comigo, pois comigo tudo isso aconteceu ao contrário. Eu sou o que sou hoje, porque nada do que planejei deu certo. Então, agora, a gente vai querer planejar a vida dos nossos adolescentes? Somente se você tiver uma ideia de educação semelhante a uma linha de montagem. Você põe as coisas lá, vai parafusando os saberes e, no final, você tem aquele objeto planejado. Eu educo porque eu gosto de me dar para os outros.

Carlos – *Rubem, eu concordo e assino em baixo. Mas você sabe que grande parte do que a gente sente e entende, é o oposto do que encontra hoje em dia, em palavras, promessas e palavras que vão desde outdoors de colégios e faculdades em épocas de vestibulares ou matrículas até livros sobre a educação. Ali não se vai falar em linha de montagem, porque então seria demais. Mas a ideia é a de que você se educa crianças e jovens para eles serem competentes, especializados, competitivos, aptos, a serem bem-sucedidos no mercado de trabalho. E isso passa por uma espécie de uniformização diferenciadora, que é uma armadilha terrível. É o mesmo*

absoluto igual ensino, com as mesmas iguais palavras de ordem, para que se aprenda inglês, matemática, português de um quase mesmo jeito, usando os mesmos livros, as mesmas metodologias, às vezes muito bem disfarçadas com todo o aparato informático.

Ou seja, é uma espécie de robotização uniformizadora crescente. Agora, o que se espera é que dentro disso, os melhores se destaquem. Mas não se destaquem por serem pessoais, originais, harmônicos, pacíficos, solidários, amorosos, mas por serem os melhores reprodutores daquela competência instrumental e utilitária prevista. Daí porque as ideias que passam pela nossa conversa, que você traduz nos seus livros, que eu traduzo nos meus, sejam ideias tidas por muitos como pouco sérias. Porque elas vão contra os valores de um mundo em que a estatística vale bem mais do que a filosofia e o adestramento, a capacitação limitada e utilitária valem bem mais do que a formação humana.

Rubem – *Brandão, já que estamos nessa, vou te lembrar um aforismo do T.S. Elliot, que eu acho genial e que me consola. Ele diz assim “num país de fugitivos, aqueles que andam na direção contrária parecem estar fugindo”. Na verdade, acho que nós estamos andando na direção contrária há muito tempo. Por isso que a gente não pode ser sério. Essa questão de preparar para mercado de trabalho, acho isso uma questão horrorosa! Educar para “alguma coisa”, acho isso tudo uma aberração. Eu acho que a experiência de educação é a experiência da gratuidade, antes de mais nada. Vamos pensar no caso da escola. A experiência na escola é o prazer vivido a cada dia naquela experiência de educação, que vai me encher, me expandir, me fazer pensar mais. É aquela vivência em si mesma que justifica a experiência da educação. E, não, o acúmulo de competências que a gente vai usar dentro do mercado.*

Rubem – *Ô, Brandão, isso que você está falando aí tem um paralelo com o que acontece nas férias. Acho que é o Karl Jaspers que disse que não viajava porque tudo que era digno de ser aprendido estava na casa dele. Acho que não é bem assim. Acho que, na verdade, ele devia ter medo de viajar. Mas é bem uma verdade. Por exemplo, nesse lugar aqui, onde nós estamos, posso passar mais de um ano mexendo nas coisas aqui, nos livros, nos livros de arte, que eu não vou saber de todas as coisas que estão aqui. Isso aqui é um universo, eu posso passear por aqui. Mas quando chega a ocasião de férias, todo mundo é possuído pela loucura do: “preciso viajar”. E aí vem aquela doideira de férias, todo mundo tem que viajar, ir para longe, para o “novo”. E é aquela desgraça.*

Rubem – *Eu acho o seguinte. Acho que há certas pessoas que estão além da esperança e eu não vou perder tempo com elas. Aliás, eu vou seguir um conselho de Jesus Cristo: “não lanceis as vossas pérolas aos porcos”. Há porcos e não há o que fazer com essas pessoas. Agora, reencantamento da*

palavra, como a gente re-encanta a palavra Como a gente se re-encanta com a palavra! Acho que da mesma maneira que a gente se encanta através da música.

Como a gente ensina a música? Como eu aprendi a gostar de música? A minha mãe não me disse: “olha, gosta de música”. Minha mãe era pianista, ela tocava simplesmente. Ela tocava. E aquilo foi entrando dentro de mim, foi fazendo buracos, sulcos, de modo que quando a música parava, ficava o buraco dentro de mim.

Acho que o amor pela literatura é um caminho para o reencantamento do mundo. Você re-encanta o mundo dando palavras a ele.. O que o poeta faz? Ele dá palavras novas. E a gente fica assustado quando o poeta usa uma expressão. “Mas é tão verdadeira, eu nunca pensei”... Aí o que acontece? Aquela cena, ela adquire um sentido completamente novo. Então, o que tenho dito é o seguinte: “é preciso que os jovens leiam”... Não! leiam não. Ouçam a leitura! Porque na grande maioria, eles não sabem ler. Quer dizer, eles sabem juntar as palavras, mas é como um pianista vagabundo, como eu... Se eu for tocar o Noturno de Chopin vai ser uma porcaria. Vão odiar o meu Noturno, porque é uma porcaria. Mas se o Nelson Freire for tocar exatamente o mesmo Noturno, vai ser uma experiência de êxtase. E a mesma coisa com a leitura. Os jovens não estão acostumados, as crianças não estão acostumadas. É preciso – eu já sugeri – acabar com as aulas de análise sintática, que não servem para nada. Diminuir demais a gramática e substituir isso pela leitura. Mas não a leitura deles! A leitura é uma arte, como tocar piano é uma arte, como dançar é uma arte. É preciso ter competência para ler um poema como o Paulo Autran. Paulo Autran lendo um negócio qualquer. Pelo amor de deus! Aquilo lá fica vivo. O intérprete fica possuído; ele tem que ficar possuído!

Eu já tive experiências assim junto a adolescentes, meio na paulada: “sentem aí que eu vou ler uma coisa para vocês”. Dez minutos depois, eles estavam todos possuídos também. Porque eles nunca tinham tido uma experiência de ouvir uma leitura daquela forma. Então, acho que isso é uma coisa que tinha que ser, inclusive, colocada nas escolas. As pessoas precisam ler. As professoras precisam ler. Com uma condição: não pode ter teste depois. Se você tiver que fazer teste sobre o prazer da leitura, acabou. Se mandarem você transar e você tiver que responder um relatório depois, vai dar um “brochismo” total. Não tem jeito você transar para fazer um relatório depois.

Então, acho que também, a gente re-encanta pela palavra, a gente tem que aprender a falar e tem que aprender a ouvir.



SOBRE COMO O QUE PENSAMOS QUE É NOSSO APENAS VEM COM O VENTO

Quando a Universidade Estadual de Campinas, a UNICAMP, onde trabalhei de um janeiro de 1976 a um abril de 1997 (e onde continuo orientando mestrandas e doutorandas) quis me estender uma homenagem inesperada, aproveitei que a ocasião - inicialmente solene e, depois, francamente festiva - reunia em boa medida pessoas bem conhecidas e queridas, entre Maria Alice, meus filhos, Lara e Pablo, meus netos, e vários e várias ex-alunas – algumas das quais então professoras da mesma UNICAMP) e companheiras de ofício, deixei de lado um esperado “discurso oficial”. Uma fala dessas em que o “homenageado” traça o perfil de sua carreira e comenta altos temas próximos ao seu trabalho docente e de pesquisa.

Nem sequer trouxe pronto algo para ser lido. Rascunhei a mão algumas ideias. E o foco delas incidia sobre como o que parece ser pessoal, individual, e sugere (em muitos casos) ser uma merecida “conquista”, na verdade apenas vale se coletivizado. Se no plural! Se o “eu” vira um “nós”, o “meu” vira um “nós” e o “comigo” vira um “entre nós”.

E assim de viva voz estendi o título que recebia a pessoas que iam de antigas secretárias de meu Instituto até as ex-alunas, companheiros de ofício e tantas outras pessoas amigas, presentes ou não

E para rematar usei ler um longo poema que havia escrito. Algo absolutamente fora do esperado em uma “sessão solene” como aquela. Mas fiz bem, porque logo após concluída a “parte oficial”, para minha surpresa e alegria, a “homenagem” foi encerrada com cantórios sertanejos e toque de viola.

Meu poema lembra apenas isto. O que parece nosso como uma conquista, na verdade vem de longe. Veio no vento e passa por nós... e segue o seu caminho.

E o seu destino somos todas e todos nós.

Como o vento, as palavras vêm

*Escrevo. E ouço me dizerem as palavras
que nada do que está escrito aqui é meu.
As palavras me tomam nessa noite.
Como as sementes de um pé de amoras
elas me chegam de longe com o vento.
As palavras que eu digo, que eu escrevo,
não são minhas letras e palavras*

e nem as frases e ideias que penso serem minhas.

*Elas me chegam, brotam na terra de que sou,
como a planta semeada se desvela.
Nada do que está escrito aqui é meu.
Nada do que escrevi a vida inteira foi meu.
As palavras que dizemos e as que ouvimos
não são nossas em momento algum
e se ilude aquele que escreve e pensa: "isto é meu!".
Elas chegam com o vento, como o vento.
Vêm de longe, de um onde não sabemos,
e por outros rostos foram ditas e em outras vozes
sob a sombra de outras árvores e outros frutos.*

*E outros ouvidos as ouviram em outras línguas.
Um vento de passagem as recolheu, um vento
como o que agora venta aqui. Vem e escuta!
Em outra noite como agora, em um lugar distante
um outro vento as recolheu nos braços, safra de letras.
e as palavras que pensamos nossas, vieram nele.
Terão cruzado o calor de algum deserto.
e povos beduínos as terão ouvido antes de nós
as palavras que cantaram e não são nossas.
Terão atravessado um mar, um oceano,
guiadas talvez por uma estrela
que de longe traduziu letras, palavras
e as entoou antes de nós, bem antes.*

*E com o vento chegaram aqui as palavras
e por um instante, durante um breve tempo
do passar do sopro de um vento errante
elas me habitam como quem, cansado
encontra uma tenda ou a sombra de outra árvore.
Um momento efêmero, porque logo tomam alento
e em um outro vento viajam... vão embora
e pousam em um lugar longe, de outras línguas.
E passaram por nós, e as ouvimos e falamos,
e algumas vezes as retemos num papel*

imaginando sair de nós o que apenas nos visita.

*E aqui ficamos enquanto elas nos deixam.
E o que chamamos, sem saber, "silêncio"
é apenas o seu ir embora e nos deixar
até que outro vento passe e em nós ressoe
um poema, um pensar, uma canção.
Palavras que repousam em nós o seu minuto.
Em nós que sonhamos que ouvimos
Vindo dos rios de nosso corpo o que flui no tempo,
em sabermos que aquele que escreve
é apenas um alguém um pouco mais atento ao vento.
Ele escreve as palavras que o possuem,
mas quem? Quem decifra a voz do vento?*



Livros lidos e lembrados

ALVES, Rubem e BRANDÃO, Carlos Rodrigues
Encantar o mundo pela palavra
 2010, 3ª edição, Editora Papyrus, Campinas

ANDRADE, Carlos Drummond de
Crônica sobre a escola
Jornal do Brasil de 20 de julho de 1974.

BARTHES, Roland
Aula
 1978, Editora Cultrix, São Paulo

BARTHES, Roland
Roland Barthes – inéditos – volume I – teoria
 2004, Editora Martins Fontes, São Paulo

BRANDÃO, Carlos Rodrigues
O que é Educação
 1981, Editora Brasiliense. São Paulo

BRANDÃO, Carlos Rodrigues
Peões, pretos e congos – trabalho e identidade em Goiás.
 1976, Editora da UNB/Editora Oriente, Goiânia

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.)
A questão política da educação popular
 1976, Editora Brasiliense, São Paulo

CAMUS, Albert
O primeiro homem
 2005, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro

COELHO, José Moreira
Sonho de poeta
 2017, Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia

COELHO, Oscavú José
Recordar é bom mas daí
 2000, Gráfica da Universidade Católica de Goiás, Goiânia

COELHO, Oscavú José
História que a história não conta
 2006, edição do autor, Goiânia

FRANCE, Anatole
O crime de Sylvestre Bonnard – membro do instituto
 1963, Editora Delta – Coleção Prêmio Nobel, Rio de Janeiro

GORKI, Maksin

A Mãe

In: **Os pés do tempo e a revolução – Cem anos de outubro,**

2017, Organização Palavras Rebeldes – Coletivo Nacional de Cultura do MST, São Paulo

OSTROWER, Fayga

Criatividade e processos de criação

1998, Editora Martins Fontes, São Paulo

ROSA, João Guimarães

Grande sertão: veredas

1983, Editora Abril Ciltura, São Paulo

ROGERS, Carl et all.

Em Busca da Vida

1983, Editora Summus, São Paulo

SAROYAN, Willian

A comédia humana

1990, Editora Abril Cultural, São Paulo

SAROYAN, Willian

Me chamam Aram

1972, Editora Verba, Belo Horizonte

TOLSTOI, Liev

Os últimos escritos

2011, Penguin/Companhia das Letras, São Paulo

VITGOSTKI, Lev

Tragédia de Hamlet, de W. Shakespeare, Príncipe da Dinamarca.

Tradução do Russo de Zoia Prestes

VITGOSTKI, Lev

Psicologia da Arte

1998, Editora Martins Fontes, São Paulo



Eu, antes de ir para a escola

